O

M. C. Leite Guimarães

FILHAS DO CONDE

DRAMA, EM 4 ACTOS E 2 QUADROS, ORIGINAL

Si vis me flere, primum dolendum est ipsi tibi.

(Horacio).

LISBOA

Typographia Hamburgueza, Rua Bella da Rainha

1883

OH! MINHA PATRIA!...

A Ti

A Ti, que, como Scipião posso dizer-te — Ingrata... *Non possidebis ossa mea!*... A Ti d'onde nunca, Oh! desventura minha!... Eu deveria ter immigrado.

. . . .

Aos patricios, residentes no imperio de Santa Cruz apraz a doce esperança de tornar Te a ver—oh*!* minha querida e Santa Patria o presentimento porém que me assalta é de não mais te vêr!...

. . . .

Aos meus — mais proximos — dediquei o *Emigrado, paginas dos vinte annos* — A Ti — que és — a *ingrata* — mas sempre querida da minha alma, dedico — *AS FILHAS DO CONDE.*

ARGUMENTO

Preparar o coração e o espirito, de modo a fazer do individuo um ser moral é o fim da educação. que, iniciada na familia, completa-se na Patria.

A primeira d'estas phases, a moral espontanea, isto é, a educação dos sentimentos é a mais decisiva, a que mais affecta o conjuncto da vida; porque, com tal fundamento, a moralidade, visto como as preoccupações materiaes não têm ainda estimulado o egoismo, difficilmente será desviada na vida exterior.

These do Dr. Simões Barboza — *Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro* — 2ª parte — *Moral pessoal* — Hygiene da primeira infancia 1883.

Personagens

Conde (*de Santa Martha*)		50	annos
Dr. Magalhães	(*advogado*)	38	»
Arnaldo de Souza	(*escriptor publico*)	30	»
Antonio Domingos	(*procurador do conde*)	40	»
Padre José	(*capellão do* »	50	»
João	(*criado do* »	50	»
Julia	(*filha do* »	19	»
Leonor	» *do* »	22	»
Engracia	(*criada*	40	»

Um lacaio, convidados e povo.

A acção do 1º. 3º. e 4º. actos passa-se em « Guimarães » a do 2º. perto de Villa-Nova de Famelicão.

E'poca

Actualidade.

Acto primeiro

Sala principal do palacio dos nobres de Santa Marta; mobilia antiga com certo cunho de luxo e grandeza.

SCENA I

Ao levantar-se o pano João atarefado, espaneja a mobilia.— Usa jaquetão azul de panno, com botões de latão amarelos, sapatos, calça curta, deixando ver-se a meia branca.

JOÃO (*só*). — Pobre menina!... Sempre me pareceu!.., Ainda não ha muito que esteve em Creixomil, vai... não vai... dando a alma ao Creador... Eu, como o outro que diz, deixava-a fazer o que ella quizesse... Não sei que embirração têm os fidalgos de querer estomagar assim os filhos!... Lá porque uma creatura teve *aquella* de nascer fidalga!... Eu cá... deixava-a obrar... á vontade. Arrumou!,.. As mulheres não são tão más como as pintam. Ora. adeus!

SCENA II

JOÃO E LEONOR

LEONOR *(Entrando, pallida, convalescente, reparando)*.— Ah! Estavas aqui, João!...

JOÃO. — Minha senhora, eu estava arrumando a sala, limpando-a. Estava uma desordem!... V. Ex. vai melhorzinha?... Como que a vejo assim a modo com melhor côr..- O que V. Ex. devia fazer era levantar-se um poucochinho mais cedo e dar uma chegadinha... até á tapada... O ar dos pinheiraes ha de lhe fazer bem.

LEONOR *(erguendo-se)*. — Levantar-me de madrugada.... Ora, João!...

JOÃO. — Minha rica menina! olhe que é para seu bem. Eu já tenho a cabeça cheia de brancas... Posso jurar-lhe que a D. Anna de Fijô esteve na espinha... e foi o ar dos pinheiraes que a curou... E' verdade.

LEONOR. — E' porque já assim tinha de ser. Mas não despresarei os teus conselhos... Sei que me és dedicado, Não és, João?...

JOÃO. — Se o sou! Ainda m'o pergunta!... Pois não fui eu que a trouxe n'estes braços, que a vi, se póde dizer, a nascer e a crescer... *(commovido)*. E agora tão doentinha... Minha rica menina!... Eu não sirvo para estas cousas.

LEONOR *(sorrindo-se)*. — Um homem velho chorando ao pé de uma moça... Então!... vai chamar a Julinha. Preciso fállar-lhe.

JOÃO.— Minha senhora, V. Ex. sabe, a Sra. D. Julia ainda deve estar na cama e; se vou incommodal-a, ha que vêr!...

LEONOR *(sentando-se)*. — Sou eu que te mando. Vai. *(O criado retira-se)*.

SCENA III

LEONOR *(sô)*.— Ha de estar lendo... Por mais que lhe digo que não leia tanto, que lhe faz mal... E' escusado! Teimosa!... *(Pausa.)* Não sei o que me adivinha o coração!...

SCENA IV

LEONOR E JULIA

JULIA *(Entrando, alegre)*. — Logo de manhã com uma cara de Santa Philomena!...

LEONOR.— Sempre alegre!...

JULIA. — Tolo é quem se afflige!... *(seriamente)* Leonor!... O que te incommoda?... Conta-me as tuas magoas.

LEONOR. — Olha: Sinto *(levando a mão ao coração)* certa predisposição para amar...

JULIA (*rindo-se*).— Amar... amar... (*pausa*) Não gosto de conjugar este verbo! Prefiro cantar... rir-me d'esses *modernos* peraltas que pensam que havemos de estar sempre dispostas para os namorar!,.. E' engraçado! ah! ah! ah!...

LEONOR. — Fallas, porque não chegou a tua vez.

JULIA.— Qual!... Que culpa temos que os homens sejam... tolos! Eu, estou persuadida que o melhor... não vale para mim um caracol!... Os homens são tão *bons* que se não comem a carne uns dos outros, é porque a não acham tão boa como a da galinha, ah! ah! ah!

LEONOR.— Que temos com isso se o nosso coração exige imperiosamente que respiremos n'um ambiente de amor...

JULIA.— Não sinto. E não tens a liberdade de seguires as tuas inclinações, de proceder como o teu coração aconselhar-te?...

LEONOR. — Desconheces o mundo!... As exigencias da sociedade; desconheces o genio de nosso pai que, por modo algum, quer arredar-se de uma certa linha de conducta que ainda domina a raça... dos fidalgos.

JULIA. — Que nos importa essas exigencias! O coração não póde escravisar-se em nome d'este ou d'aquelle prejuizo, d'esta ou d'aquella falsa apreciação!... Nunca terei de sacrifical-o ás exigencias da nossa sociedade.

LEONOR. —Has de soffer por isso. Não imaginas a coragem que é preciso ter-se para arrostar com tão enormes paradeiros, para levar de vencida a hydra que denomina-se « conveniencias de classe! »

JULIA. — Não me hei de incommodar muito. Continuarei a rir-me, encarando os homens uns... pygmeus com pretenções a semi-deuses! Chamar-lhes-hei expressivamente uma raça privilegiada... de macacos, differençando-se só por serem mais velhacos. Ah! ah! ah! Não é?...

LEONOR. — Mas como prevenirmo-nos de semelhante mal?...

JULIA.— Perfeitamente. Não somos a « realeza sympathica da terra?... » não damos leis á sociedade, reformando os costumes?... Não educamos as gerações ensinando os homens a serem grandes e virtuosos?... Elles precisam mais do nosso influxo, que nós das suas lições! Estou no papel de moralista. Pobre moral!...

LEONOR.— Para tomarmos sobre nós tal responsabilidade seria necessario que elles nos ensinassem a grandeza e a virtude; que nos eduquem debaixo d'outro meio menos pretencioso e mais conforme com a razão... seria necessario que em vez de andarem perdendo tempo em lutas que não aproveitam, cuidassem em preparar-nos antes para sermos as inspiradoras do bem e do progredimento social.

JULIA.— Dize-lh'o e te responderão com o sorriso sarcastico, bestial... Mas, se lhe disseres que a mulher é escrava do homem, que lhe devemos humilhação, que a melhor de nós é insupportavel, que a graça que possuimos...

é engano; se lhe lisongeares o orgulho desmarcado, se lhes disseres que são os *reis da criação,* que presidem ao movimento social... Então sim!... Não se lembram que são os unicos animaes... que se destroem só pelo gosto de destruirem-se !.,. Cheios de tyrania, vaidosos, cobertos de lentejoulas, dizem: Acima de nós ... ninguem!... Ah! ah! ah! E, tu pensando nestas coisas com tamanha gravidade. Eu, as encaro, pelo contrario, com alegria,

Lacaio, anunciando— Sr. Dr. Magalhães.

LEONOR (*contrariada*) Entre. (*o creado retira-se*)

JULIA (*zombando*) Forte maluco! Atura-o como poderes, ou como quizeres. Sinto repulsão junto deste sujeito. Receio enjoar-me (sae)

SCENA V

LEONOR e o DR. MAGALHÃES

Dr. Magalhães caracter cynico, sempre com o riso á flor dos labios, deixando perceber nos olhos e nos gestos certo cunho de de malvadez.

DR. MAGALHÃES (*cumprimentando*) Minha senhora! Como se acha V. Exa.?...

LEONOR— Bastante incommodada Sr. Douctor.

DR. MAGALHÃES— V. Ex. ha de desculpar-me, soffre d'uma enfermidade que só a propria pessoa que padece é que póde medical-a. O que V. Ex. presisa, é destrair-se, fazer por desviar do espirito exquisitas aprehensões que a fazem sobremodo pensativa e taciturna.

LEONOR— Não será isto devido á propria indole desta especie d'enfermidade?...

DR. MAGALHÃES— Não, minha senhora. Todas as enfermidades, como a de que V. Ex. soffre, têm a sua séde no centro da actividade nervosa, isto, é, no cerebro. D'ahi é que se ramificam, é que fazem, por assim dizer, vibrar as cordas do coração.

LEONOR— Quer dizer que o meu mal é na cabeça!...

DR. MAGALHÃES— Minha senhora!... Isto a que se dá o nome d'amor, paixão, affectos, tudo se prende ao cerebro como a arvore á raiz. Os poetas não fazem senão embrulhar de tal modo a realidade que afinal, ninguem sabe onde ella está!... Transformam-a, dão-lhe umas cores agradaveis que seduzem, porem V. Ex. não deve deixar enganar-se por

essas leituras que advogam livremente as mais ridiculas, as mais insensatas theorias!...

LEONOR— Mas o que vem a ser uns tantos estremecimentos que sentimos, que não podemos explicar e, que mau grado, como s'tyletes acerados, magoam o coração?...

DR. MAGALHÃES— Férem primeiro a cabeça. Não deixe isto despercibido.

LEONOR— Seja a cabeça ou o coração! O certo é que nem o proprio homem, apezar das vantagens da sua organisação, póde dominar estas impressões... A sciencia póde dar-lhe o nome que quizer, mas em todo caso, são irremediaveis!...

DR. MAGALHÃES— Será como V. Ex. diz, no caso da séde onde se originam essas impressões não ser bem favorecida das qualidades principaes para o seu perfeito desenvolvimento. O que não é menos certo é que um tal estado só depende da boa ou má direcção do espirito. Convença-se e verá que ha de melhorar.

LEONOR— Talvez se dê comigo a primeira hypothese.

DR. MAGALHÃES— Não creio. V. Ex. tem em si mesmo todos os recursos para melhorar os seus soffrimentos.

LEONOR— Tenha a bondade de elucidar-me, sr. Dr; V. S. deseja ver-me feliz, não é verdade?...

DR. MAGALHÃES— E' por isso que a aconselho para mudar de pensar. As disposições anormaes de V· Ex. podem ser modificadas— podem até ser destruidas... O que lhe fará reviver o contentamento, a paz do espirito, ou do coração... como V. Ex. entender— Um novo estado, em summa, no qual possa respirar os inebriantes perfumes da mocidade... quando o homem, como a mulher, começam realmente a viver— A mulher é como a hera verdejante que se entrelaça ao cedro robusto. Só junto d'elle tem frescura e mocidade. Tal estado religiosamente fallando, minha senhora, é o estado conjugal.

LEONOR— Aconselha-me o casamento?...

DR. MAGALHÃES— Uma medida, a mais feliz que póde tomar.

LEONOR(*curta reflexão)* Sinto realmente o quer que é que me convida ao cazamento. Mas ainda não deparei o homem que julgasse ser o predileto do meu coração.

DR. MAGALHÃES— Deixe-se d'isso, minha senhora. O coração é uma parte do organismo como outra qualquer. Não devemos consideral-o idealmente... Damos-lhe nutrição, sus-

tentamol-o. E' quanto basta. O que V. Ex. deve principalmente desejar, é um homem que a possa fazer feliz. Este homem que ha muito lhe deseja externar profundo affecto, que tambem não sabe definir, mas que o atrahe para V. Ex. como uma lei fatal, e que promette satisfazer-lhe todas as vontades... este homem que se atreve a declarar-lhe amor... sou eu! Eu que ha longo tempo a adoro (*vae se ajoelhando*) porque afinal, só hoje, não sei se feliz se o mais desditoso dos dias da minha vida, é que tive coragem para lhe dizer:— Minha senhora— desejo ser o homem que a ha de fazer feliz. (*áparte*) Parece-me que não fui mal...

LEONOR (*enleiada*) Em tão incommoda posição. Por quem é sr. Dr.!...

DR. MAGALHÃES— Não ha posição por incommoda que seja que a não julguemos digna da mulher que adoramos...

LEONOR— Ignoro os motivos que possam inspirar-lhe... tanto amor.

DR. MAGALHÃES— E' a profunda sympathia que V. Ex. me inspira.

LEONOR— Permitta-me que lhe diga que pelo facto de havel-o tratado com amabilidade não era, supponho, para V. S. pensar que o amava, ou que podia talvez... corresponder ás suas declarações... de amor.

DR. MAGALHÃES (*aparte*) Oh! diabo! (*alto*) V. Ex. recusa o meu amor!... Está enlevada nos heroes de romance. E' porque ignora (*com orgulho*) que occupo uma posição, que a consegui aliás, pelo meu trabalho... que todos os orgãos me tem dispensado os melhores encomios, e que brevemente devo ter a honra de ser o advogado no parlamento dos meus conterraneos. Não deve ignoral-o. Graças á minha posição social, posso aspirar a mão de qualquer senhora na altura em que V. Ex. se acha... collocada.

LEONOR (*com firmeza*) O que V. S. disse não tem nada com o que antes me declarou. Sempre o tive por uma pessoa muito digna, muito respeitavel. Mas no intimo do meu coração é para mim um homem— como qualquer outro...

DR. MAGALHÃES (*aparte*) E' do que não quero saber! (*alto*) Sra. D. Leonor— Reflicta, pese as suas palavras... Reconheça-me a graça de uma retribuição mais condigna da sua proverbial bondade.

LEONOR (*energica*) O mais que posso reconhe-cer-lhe, Sr. Dr. é de continuar recebendo-o, n'esta casa, com a mesma *proverbial bondade* com que acaba de distinguir-me. Quanto

ao meu amor (permita-me a franqueza tambem «proverbial») nunca lhe pertencerá! As mulheres são assim. Não se convencem com a razão... E' dos nossos defeitos, talvez o maior. Deixamo-nos levar mais pelo coração porque sentimos mais do que pensamos... V. S. não deve levar isto a mal. As imposições, neste caso, seriam sobre modo injustas até ao ridiculo.

DR. MAGALHÃES— Não lhe estou fazendo imposições, minha senhora. O que lhe disse todo e qualquer homem tem direito a declaral-o. O que unicamente está na sua alçada é... aceitar ou não aceitar o meu amor.

LEONOR, (*decidida*)— Não aceito.

DR. MAGALHÃES,(*aparte*).— Havemos de ver... (*alto*) E' forçoso perder toda esperança?...

LEONOR.— Julgo ocioso repetir o que disse (*fazendo-lhe uma cortezia*) Com licença (*sae*)

SCENA VI

DR. MAGALHÃES— Ignora a minha força!... Comfia em ephemeras resoluções! O que não poder fazer com o «dinhero,» fallo-hei com a minha influencia! Ignora que o mundo sempre foi dos mais valentes, e que n'esta lucta heroica, herculea, ai do que menos forças tiver!... Foi sempre o meu alvo!... Subir! Subir e Dominar! Dominar até cançar! Espero attingil-o!... (*vae saindo e defronta com o conde*)

SCENA VII

DR, MAGALHÃES, CONDE

CONDE.— *Entrando pelo fundo, passos mesurados, ar grave e imponente.*— Então Dr. só... por aqui?...

DR. MAGALHÃES.— E' verdade Sr. Conde. A filha de V. Ex. a Exm. senhora D. Leonor quiz dar-me o desprazer...

CONDE (*convidando-o a sentar-se*).— Estranho o procedimento de minha filha. As visitas que nos honram merecem-nos todo respeito.

DR. MAGALHÃES— Oh!... A senhora D. Leonor era incapaz... (*pausa*) Sr. Conde!... Chegou para mim um dos momentos mais solemnes da minha vida. O homem é assim... Ora timido, irresoluto, abarca todavia as difficuldades por mais rudes que sejam... Chega a dominal-as, vencendo tudo que se oppunha ao complemento de seus desejos!... Disse a V. Ex. que era chegado um dos momentos mais solemnes da

minha vida... Não se admire... E' um homem do povo que lhe pede n'este momento a palavra— Um homem nobilitado não pelos seus antepassados mas pelo seu trabalho e, que conta por noites os dias da sua vida, começando felizmente a colher o fructo de seus trabalhos... E' este homem que se apresenta nobilitado com os titulos que de direito lhe pertencem que vem solicitar a mão de sua filha da Exm. Sra. D. Leonor.

CONDE (*depois de curta reflexão*).— O Sr. Dr. Magalhães apresenta-se com os titulos do seu talento, que é a realeza do seculo... Entretanto— não o deve ignorar— Em nossa caza não consta um unico caso que as filhas dos nobres de S. Marta houvessem, algum dia, contrahido matrimonio com cavalheiros cuja ascendencia não viesse aferida pela nobreza heraldica de nossos passados.

DR. MAGALHÃES— Esperava essa resposta. Não lhe direi qual seja a verdadeira nobreza... Se a do passado se a que se conquista individualmente... Se a nobreza do sangue, ou a nobreza da intelligencia... Poupar-lhe-hei esta explicação... A palavra de V. Ex. é de um verdadeiro fidalgo. Peço-lhe resposta.

CONDE— Como lhe disse, reconheço na pessoa de V. S. a realeza do seculo... A consideração em que é tido dispensa-me de commentarios... Não porei duvida em conceder-lhe a mão de minha filha com uma condicção...

DR. MAGALHÃES— V. Ex. dirá...

CONDE.— A do seu pleno consentimento.

DR. MAGALHÃS (*riso*) Os nobres não escolhem... Costumam sujeitar-se ás exigencias do circulo a que ligitimamente pertencem...

CONDE (*levantando-se*) Estamos em plena democracia...

DR. MAGALHÃES— V. Ex. disse-o. E' o quanto basta.

CONDE— O que digo costumo cumpril-o.
(*chegando á janella*) Se lhe apraz damos um passeio até ao «pé do monte»... A tarde está convidativa, e o ar da primavera agradavel..

DR. MAGALHÃES.— Com todo gosto (*saem pelo fundo*)

SCENA VIII

JOÃO (*entrando*). Aquelle *sôr* Antonio Domingos... é os meus peccados!... Ora!... Que diabo quer elle ao fidalgo!... Que lhe pegue com umtrapo quente!... Se não está aqui é porque sahiu... Arrumou!... (*mudando*) Ha 27 annos que sirvo csta caza e, não pude ainda comformar-me com umas tantas

cousas!... A Sra. D. Leonor anda por ahi com uma cara de *freira enterrada em vida*... O fidalgo, como o outro que diz, não cuida de excogitar o que ella tem, o que precisa... A outra... é muito estouvadinha, é... mas... tem um coração!... Ainda não ha muito que ella se quiz encrespar commigo... Mas eu desarmei-a logo á primeira... Disse-lhe:— faça o que quizer, menina! Mate o pobre velho... Ande!... Ella coitadinha! com as lagrimas a bailar-lhe nos olhos bóta a correr pelo quintal, e dá-me um cruzado novo para eu mercar um arratel de simonte (*riso parvalhado*) Ah! ah! ah!... Vou dizer ao procurador que não dei com o fidalgo... Não vou procural-o. Vá elle!... Para isso é que é procurador...

SCENA IX

JULIA, LEONOR.

JULIA— Ah! ah! ah!... (*para a irman*) Tenho a distincta honra de cumprimental-a! Peço-lhe um lugarzinho no banquete do cazamento... Tenho immenso desejo de recitar... uns versos!... O autor é... um monumento! O *Borda d'agoa*,— o melhor fabricante de reportorios!... Ah! ah! ah!...

LEONOR (*gravemente, sentando-se*) O caso não é tão pouco grave para que seja digno de risota.

JULIA— E' importantissimo! Originalissimo!... Ah! ah! ah!

LEONOR.— Ha couzas que devem merecer-nos mais acolhimento, que não devem, ao menos, ser tratadas com ridicularia.

JULIA.— Não ridicularizo, minha joven noiva; é simplesmente rir-me d'aquelle tolo... d'aquelle doctor... Ah! ah! ah!

LEONOR.— Elle não tem culpa da minha recusa. Está no seu direito. E' tido em boa conta e pensou que seria attendido...

JULIA.— Quem é que póde gostar d'aquella cara! Havia de ser bonito! Ah! ah! ah! Ora! o Dr.! . . . . .
O Lacaio annuncia o Sr. Arnaldo de Souza. (*para o lacaio*) Que entre (*aparte*) Parece uma boa alma.

SCENA X

OS MESMOS, ARNALDO.

ARNALDO DE SOUSA (*trajando com simplicidade, elegantemente; caracter intelligente, sympathico*).— Minhas senhoras

(*apertando-lhes a mão*) Sra. D. Leonor! Está melhor?... (*para D. Julia*) V. Ex. Sempre alegre e jovial!

JULIA.— Não ha mal que me chegue!... As paixões não me matam... Não tenho mesmo nada que me intristeça... Só quando vêjo minha irman com estes modos de *bemaventurança*, sinto uns estremecimentos um tanto desagradaveis... A gente deve ser alegre.

ARNALDO.— A alegria é a verdadeira saude d'alma. Direi até que para o nosso organismo funccionar regularmente, para haver saude, é de necessidade fugir-mos de tudo que nos possa desagradar, ou intristecer...

JULIA (*para a irman*).— Não foi isto que eu te disse?...

LEONOR.— Não repare Sr. Souza... Esta minha irman é um tanto irreflectida ...

ARNALDO.— Não é d'hoje que conheço VV. Exx, e, desde que me foi concedida a honra de ser um dos amigos sinceros da caza, jamais notei nas pessoas de VV. Exx. a mais pequena falta de reflexão...

JULIA (*agradecendo*).— E' muita bondade da sua parte...

ARNALDO.— E' a justiça, minha senhora.

LEONOR.— O Sr. não é da opinião que o coração seja... um *musculo?...*

ARNALDO.— Eu penso que o coração é a parte mais delicada do genero humano... Só os materialistas o desconhecem... Eu, não sou materialista!... Aceito os factos como elles se mostram á luz da observação ou da experiencia, porém regulo-me pelas doutrinas consoladoras do espirito, pelas theorias das grandes almas que bebem na fonte do ideal... Não quero a sociedade fanatica, mas entendo que deve ser idealista... Os falsos apostolos teimam em desconhecel-o!... Pensam que o materialismo é a *ultima ratio* da sociedade. A historia que é « mestra da vida, e pregoeira da antiguidade, » protesta contra similhantes doutrinas, socialmente fallando.

LEONOR.— Esta opinião é mais agradavel.

JULIA (*áparte*).— E' muito intelligente!... (*alto*) O Sr. Arnaldo porque não escreve um drama?...

ARNALDO.— Não tenho tentado tal genero de trabalho, minha senhora, porque não me sinto com verdadeira propensão para o theatro... Mas basta saber que V. Ex. nutre esse desejo... para escrevel-o.

JULIA.— Muito obrigada.

LEONOR.— Quando podemos ler aquelle romance que mandou publicar?...

ARNALDO.— Brevemente.

JULIA.— O Sr. escreve muito bem. Gosto muito dos seus escriptos.

ARNALDO.— E' bondade de V. Ex. Procuro a originalidade. Na forma sujeito-me ás leis d'harmonia,porque assim como não deixo de apreciar uma boa orchestra, não deixo tambem de sentir-me arrebatado ouvindo os sons maviosos de um orgão ou as canções apaixonadas de um crênte no silencio de uma cathedral...

JULIA.— Não escreva tristezas!... A sua penna é digna de melhor sorte. Não faça como certos poetas—lamartinianos, choramigas, que entendem que qualquer escripto para ser lido deve estar incessantemente—a distilar lagrimas.

ARNALDO.— Perdão, minha senhora... Não é isso precisamente o que queria dizer. Em assumptos alegres, n'estes mesmos, o estylo, a forma, pode ser doce sem ser triste, pode ser suave sem ser arrebatada, pode ser-se Virgilio, sem ser-se Heraclito.

JULIA.— Comprehendo. O Sr, como romancista prefere um Julio Diniz a um Castello Branco e, como poeta um Ribeiro a um Junqueiro... Não é isto?...

ARNALDO.— Justamente.

SCENA XI

OS MESMOS, JOÃO. *(da porta)*

JOÃO.— VV. Exx. dão licença?

JULIA *(contrariada)*.— Que quér Sr. João? Que importunação!...

JOÃO *(titubiando)* Perdão, minha senhora... Mas é que eu trazia um recado para a Sra. D. Leonor.,. E então...

LEONOR *(levantando-se)*.— Que é João?...

JOÃO.— E' o Sr. Conde que pede a V. Ex. para dar uma chegadinha até á sala de dentro... Bem entendido, se V. Ex. não está occupada.

LEONOR.— Diz a S. Ex. que vou já.

JOÃO *(saindo)*.— Sim, minha senhora.

LEONOR *(voltando á scena)*·— Ha de desculpar-me. E' meu pai que me chama *(com intenção)* mas fica minha irman para entretel-o, e para gosar da sua amavel companhia... Uma senhora alegre sempre entretém mais... *(sae)*

SCENA XII

JULIA, ARNALDO

JULIA, *(sentindo-se a principio enleiada por estar só na presença do homem que ama).*— Do quanto era alegre, tornou-se toda melancolica como que avassallada por algum mal occulto...

ARNALDO.— A' medida que vamos atravessando o mundo e conhecendo as suas mizerias, os corações generosos como o da Sra. D. Leonor sentem uma transição desagradavel... Depende da coragem que dispõem os que uma vez, entram os pórticos do mundo real...

JULIA.— Pois parece-lhe que seja preciso viver-mos sempre no mundo das illusões?...

ARNALDO.— Não me parece, rigorosamente... Mas é assim.— Repare V. Ex. Na idade infantil tudo são risos e flores; na puberdade, ou na adolescencia o espirito sente-se já empanado por umas sombras tetricas, carregadas!... Em plena virilidade experimentamos uns estremecimentos ao encarar o mundo, cheio de desenganos, de decepções crueis que esphacelam o coração!...

JULIA.— E' por isso que muitos homens não querem a intervenção da mulher em certas alturas... pois como somos mais fracas... Nós só quizeramos viver do amor e para o amor...

ARNALDO.— Sublime aspiração!... Que devia ser inoculada em todos os animos, mas não passam de tentamens, concepções generosas dos que querem regenerar a humanidade pelo amor!... E' pregar no deserto!... O egoismo, o odio, a prevenção estulta em que os homens estão uns contra os outros, não o permitte... Ai d'aquelle que devéras o tentar!... Espera-o a cruz, a guilhotina, os carceres do obscurantismo, cisternas da podridão onde se fermentam miasmas deletérios que vão, como que obstruindo os elementos de uma sociedade regularmente constituida.

JULIA.— Mas é uma gloria para os pugnadores d'essas ideas.

ARNALDO.— A gloria de morrer emforcados! Oh!... é pouco invejavel, minha senhora.

JULIA.— Os que pelas suas obras vão instruindo o povo... estes, não morrem enforcados.

ARNALDO.— Morrem á fome!... O que não é menos contristador!... Desconhecidos, obscuros, sem valimento, perse-

guidos pelas suas aspirações. São malditos e... mal pagos!... Creia minha senhora. E' bem triste a sórte do homem que uma vêz se apaixonou pelo estudo, e que deseja o progresso sejam quaes forem suas revelações...

JULIA (*áparte*).— Não é que aquelle Dr. me veio lembrar o que até de todo já me havia esquecido. (*alto*) Pois eu lhe digo... Se alguma vêz houvesse d'amar um homem, iria procural-o, n'esse limbo, embora medonho, como acaba de pintal-o... Seria principalmente um homem de lettras... Que diz da minha idéa?...

ARNALDO (*sorrindo-se*).— E' luminosa, minha senhora. As lettras são dignas da nossa estima. (*áparte*) As de cambio.

JULIA.— Estou-lhe falando sinceramente.

ARNALDO.— Não duvido que V. Ex, esteja falando sinceramente... Mas não sabe que tal classe de homens—é mal vista e é mal paga!... São como os musicos: Só agradam em quanto tocam... ou cantam... mas... depois voltase-lhes ás costas, porque já não nos deleitam...

JULIA.— Juro-lhe que commigo nunca succederá isso...

ARNALDO.-- Eu o creio. Geralmente as senhoras impressionam-se mais com as esplendidas manifestações do Bello, no mundo d'arte!... E as lettras embriagam as pessoas de uma constituição fragil... A materia é pouco susceptivel d'espiritualisar-se. N'ella impera a força bruta que ainda dando vida á natureza, dá igualmente lugar a cataclismos a devastações, a molestias, submerge continentes e até devora todo trabalho humano em suas fauces escancaradas.

JULIA.—Já o Sr. vê que ha razões para preferir, em todo caso, um artista, um homem de lettras a qualqner outro que, porventura, me houvesse de sollicitar em cazamento.

ARNALDO (*sorrindo-se*).— Tem razão, minha senhora.

JULIA.— (*levantando-se e com esforço*) E... se... esse homem fosse... (*detendo-se*) é uma supposição, bem sabe. Se esse homem a que alludo fosse por exemplo, o Sr?...

ARNALDO (*áparte*).— Hypotheses!... Sempre hypotheses!... (*alto*) Minha senhora! Dir-lhe-ia que não era digno de tão grande ventura... Ainda que me ardêsse no peito a chama do amor... Mas para que havemos d'estar formulando hypotheses... Mudemos de assumpto.

JULIA (*animando-se*).— Pois bem!... Fallemos positivamente!... Quer que seja eu a destinada a adoçar-lhe os seus pezares, as suas amarguras d'escriptor?... Quem lhe ha de ser lenitivo nos seus trabalhos, e nas suas vigilias intelle-

ctuaes?... Quer que seja eu quem lhe ha de servir d'inspiração e de incentivo ás suas obras?... (*pausa*) Falle! Responda!... (*nervosa*) Que mundo este!... Quando queremos erguer o homem, elle fica cabisbaixo, silencioso, sem iniciativa!... (*voltando-se para elle*) Desculpe... Sou uma estonteada!... Tudo faço irreflectidamente!... Eu é que sou culpada, indigna do Sr.! Porque fui eu que lhe declarei o meu amôr! Tem-se visto, muitas vezes, um homem aos pés d'uma mulher... mas, em taes condicções, uma mulher aos pés d'um homem... Nunca!... Quem é o Sr?... O Sr. é para mim um homem como qualquer outro... Um pobre jornalista... (*exaltando-se pouco a pouco*) E eu?... Sabe que sou filha do Conde de Sta Marta!... Quando entrou n'este palacio não vio na sua frente as armas dos nobres de Sta Marta?... Estava cego!... Bem vê que estava!... Não o quero vêr!... Nunca mais o quero vêr!... Ouvio? (*deixando-se cair n'uma cadeira, offegante, abalada*) Que humilhação! Meu Deus!...

ARNALDO (*chegando-se, áparte*).— Estou arranjadinho (*alto*) Minha senhora! Attenda-me. Por quem é, faça favor.

SCENA XIII

OS MESMOS, LEONOR

LEONOR (*Entrando e dando com os olhos na irman*).— Que titulo tem a comedia?...

ARNALDO (*meio passado*).— Não sei, minha senhora. (*indo apertar a mão a cada uma por sua vêz Leonor faz um amúo de despeito e Julia.*) A's ordens de VV. Exx.

JULIA (*friamente estendendo-lhe a mão*).— Passe bem,

. . . .

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

Acto segundo

Casa de campo. Ao fundo um bosque. Quadros historicos. Um piano com um livro de musicas á vista do espectador, etc.

(*Leonor ao piano tocando uma musica impregnada de melancolia. Julia lendo em um dos angulos da salla, sentada n'um sofá ou divan. E' noite.*)

SCENA I

JULIA.— (*levantando-se e indo ter com a irman mostra-lhe um livro aberto.*) Olha... São de Soares de Passos.

LEONOR.— (*reparando*) « A mãe e a Filha ». Julinha. Não posso cantar... Lembra-me que somos orphans. Não temos mãe!... Aflijo-me. E' como se ouvisse Thomaz Ribeiro:

Nasci na triste Veneza.
Onde perdi minha mãe...

JULIA.— (*insistindo*) Tem paciencia.

LEONOR.— (*canta a seguinte canção n'uma musica suavemente expressiva e demorada.*)

Filha! Filha que linda alvorada
Anda ver este sol a nascer;
Ha trez dias que gemes deitada
E só hoje sorris deprazer...

LEONOR.— Vamos cantar as « flores d'alma.»

JULIA.— Vou buscal-as.

(*Em quanto Julia vai buscar o livro Leonor recomeça a musica que estava tocando ao levantar do panno.*)

JULIA (*entrando com dous livros e examinando-lhe o dorso*).— « Sons que passam. » Não sei se é n'este que vêm ás flores d'alma.

LEONOR,— E' no « D. Jaime. »

JULIA (*procurando a referida poesia, lendo*) As flores d'alma que se alteam bellas... (*Acompanha, recitando.*)

As flores d'alma que se alteam bellas
puras, singellas, orvalhadas. vivas,
têm mais aroma e são mais formosas
que as pobres rozas em jardim captivas.

Sol bem fazejo lhes aquece a rama
lucida chama sem ardor que mata
banham-lhe a haste retratando as frontes
limpidas fontes em ramaes de prata...

LEONOR (*levantando-se e vindo á bocca da scena*).— Tudo me incommoda!... Magoa-me a mais pequena commoção. Acabei de ler um romance que me fez mal. Foi a « Morte moral » de Pascual,

JULIA (*com o livro ainda na mão*).— Não posso gostar d'esses livros que, embora ricos de elevados conceitos, despertam-nos certo desanimo para arrostar-mos com as contrariedades... Penso que os poetas deveriam procurar animar-nos a despresar as mentiras. « Deus! não! Foi o mundo que poz esse impossivel entre o desejo e a ventura » diz o autor d'este livro. Tão convencida estou d'esta verdade que quando conscienciosamente der algum passo que me não desdoure, e que me proporciona a minha felicidade é porque o dou... Succeda o que succeder!...

LEONOR.— E's louquinha!... Tens passado a vida descuidosamente. Quando sentires esses empecilhos, os diabolicos preconceitos não poderás pensar d'esse modo.

Julia.— E porque não!... Permitte-me que te diga Leonor: Não vejo motivos para que vivas tão extraordinariamente abatida. Tudo o que desejamos papai nol-o tem feito. Até esses pequenos caprichos, supposto os não approva, comtudo os tem tolerado.

LEONOR.— Nosso pai é muito bom. Devemos estimal-o. Basta ter eu ficado ainda criança entregue aos seus disvellos para sentir por elle acrisolado amor. Nunca procurarei desgostal-o. Porém, em pontos que julgar que lhe vão ferir o orgulho de fidalgo não transige, não transigirá!... E' isto que me afflige, que me não dá um momento d'alegria.

JULIA.— Não ha de ser tanto assim... Vou-me deitar Leonor. E' meia noite. Estou com muito somno (*bocejando*) Sabes?... Estou lendo a «*Morgadinha de Val-flor.*» Desejo muito ver representar este drama.

LEONOR.— Aonde?...

JULIA.— No nosso theatro. Tambem não sei como foram baptisal-o com um nome tão exquesitão!... E' verdade que

«D. Affonso Henriques» foi o nosso primeiro rei.,. Ora... mas que tem!... (*beijando-a*) Boa noite, Leonor. Provavelmente vais sonhar com os teus amores... Heim?...

LEONOR (*tristemente*).— Receio que o futuro venha a descarregar sobre mim as mais pungentes contrariedades!...

JULIA.— Eu teria a neccessaria coragem para desviar de sobre ti essas contrariedades... Sou mais nova, é verdade, mas... mais corajosa!... Desculpa-me a franqueza (*beijando-a outra vez*)Boa noite. (*sae, com uma luz que toma de cima d'uma das mezas da salla*). . . . .

Começa a trovejar

SCENA II

LEONOR (*só*). E amar o mesmo homem!... Terrivel eventualidade!... Meu Deus!... (*Harmonia na orchestra, levantando-se*) Eu não tenho culpa... Criança!... que te inclinastes pelo homem que adoro!... Que ha muito me incendia o coração com o fogo do amor!... Não!... Não o consentirei! Pois não sabias!... Eu sou tua irman!... E porque me queres o homem que amo!... Elle já ha muito que é o sonho predilecto das minhas noites de vigilia!... O unico lenitivo que me refrigera o coração. E, agora!... Elle será a minha vida!... A estrella do meu futuro!... O meu unico amor!... (*com força*) Não vencerás!... E's mais nova— deves-me obediencia!... Has de ceder!... Se quizeres lutar! Lutemos!... (*sae*)

O vento um e outro relampago devem ter começado a formar-se, emquanto dura o procedente monologo. A trovoada redobra cada vez mais forte e os relampagos succedem-se invariavelmente uns depois dos outros.

SCENA III

JOÃO (*só*) *entrando pelo fundo em mangas de camisa, como quem acaba de sair da cama, descalço, assustado*)

SR. Conde!... Ah! Deus meu!... Onde está o Sr. Conde!... Caiu um raio na caza do Zé da Mata!... Já lhe lambeu uma junta de bois! A casa é de côlmo!... Ai! Nossa Senhora!...

SCENA IV

JOÃO, CONDE, DR. MAGALHÃES E CONVIDADOS

CONDE, (*entrando seguido do Dr. e dos convidados*)— Que é lá João ! Que ha de novo?...

JOÃO— Saiba V. Ex. que acaba de cair um raio na caza do cazeiro!... A familia bérra que nem que fosse a fim do mundo !... (*gritos distantes d'aqui d'El-Rei*) V. Ex. não ouve?...

CONDE— Meus senhores!... Sinto deixal-os por alguns momentos ! Preciso ir ver este sinistro que póde ser de graves consequecias!...

CONVIDADOS (*todos*).— Vamos, senhor Conde!

CONDE— E' um incomodo. E' melhor ficarem.

TODOS— Vamos! Vamos!...

SCENA V

LEONOR (*só*)

Entrando em trajos de quem sae da cama, de roupão, assustada).— Jesus!... Santo nome de Jesus!... Parece-me ter ouvido gritar pedindo soccorro! Que aconteceria?... *(chegando á janella*) Ah! parece fogo!... Santissima virgem !Quem acode aquella pobre gente!...

SCENA VI

A MESMA E JULIA

JULIA (*entrando*).— Leonor!... Estás aqui!... Meu Deus... que será !... (*vai observar á janela*)

SCENA VII

AS MESMAS E ENGRACIA

ENGRACIA — (*entrando apavorada com umas grandes contas a rezar*).— Ah! Minhas senhoras!... Pegou fogo na caza do pobre do cazeiro!... Eu *estaba* a rezar, e *bai* se não, de repente ouço *trobejar*... Que *trobões*!... Minhas senhoras!... Parecia que se *alagaba* o céo!... Ponho-me de joelhos e rézo as minhas orações a Santa Barbora e a S. Jeronymo!... Chegei á ultima... pelas almas do purgatorio... E ouço berrar como se fosse alminha penada!... *Labanto-me* sem ter animo d'abrir a pórta... Mas os clarões dos *relampegos entrabam-me* pelas fréstas do janêllo... E *tibe* medo... Pensei que tinha cahido por aqui algum raio !.., *Padre nosso que estaes no céo...*

JULIA (*que tem estado á janella*).— Senhora Engracia!... Vá tocar o sino!... Acorde todos!... Que venham acudir!..

Chame o senhor Domingos!... Chame todos os nossos criados!... Leonor! sinto deixar-te!... Não te digo para me acompanhares... Em quanto a mim o caso muda de figura!... Começo a luta com o *mundo dos preconceitos (sae)*

ENGRACIA (*sahindo*).— Sto nome de Jesus!... Onde é que *bai* aquella menina com tamanho agoaceiro!...

SCENA VIII

LEONOR (*só*)

(*Vagarosamente*).— Confio na tua coragem! Mas receio que não levarás ao fim— a tua missão!...

Ouvem-se os toques no sino da capella.

SCENA IX

A MESMA, CAPELLÃO

CAPELLÃO (*entrando com o breviario*).— Onde está o Sr Conde?!... (*reparando*) Ah! E' V. Ex!... Procurava seu pai... Havia de dizer que ainda agora estava na sala do mirante a jogar... Já lá não está... V. Ex. sabe dizer-me onde está seu pai?...

LEONOR— Senhor Padre José! Naturalmente sahiu para acudir ao fogo!...

CAPELLÃO— Era para isso!... Pobre José!... Ainda outro dia, minha senhora, o vi a chorar, como uma criança por lhe ter morrido ora!... Uma besta!... Como não deve estar agora!... Com licença, minha senhora. Vou rezar... (*saida falsa*).

LEONOR— Senhor Padre José.!.. Faça favor. Minha irman sahiu a correr por ahi fóra...

CAPELLÃO (*adimirado*).— Que me diz!... Pois a Exm. Sra. D. Julia sahiu de casa a estas horas?!... E só!... Ora, ora (*sae, resmungando*).

SCENA X

LEONOR (*só*)

(*Sentindo-se fatigada*).— Sinto-me fraca!... Se não iria tambem... Mas, cairia antes de lá chegar. Não posso!... O Senhor bom Jesus lhes valha... Nossa senhora... (*Este monologo deve ser declamado com muita pausa*). *Silencio por alguns momentos.*

SCENA XI

A MESMA, JULIA, CONDE, DR. MAGALHÃES, PROCURADOR, CAPELLÃO, ENGRACIA, JOÃO e os CONVIDADOS

Julia entrando amparada nos braços do pai e do Dr. Magalhães, atordoada.

LEONOR (*correndo ao encontro da irman*)...... Ah!...

DR. MAGALHÃES— Não se afflija. O caso não é de tamanha gravidade. Deve estar assustada!... Mas não houve perigo.

LEONOR (*examinando-lhe carinhosamente as mãos e os braços*) — Julinha, sentes alguma cousa? Estás incommodada, não estás?...

JULIA— Não estou, não, Leonor.

LEONOR (*reparando*) Esta mão parece que já está levantando bôlhas!...

DR. MAGALHÃES— Não é nada, minha senhora.

CONDE— Acho bom conduzil-a para o seu aposento. O que ella precisa agora é descanço.

DR. MAGALHÃES— Tambem acho conveniente. (*ajuda a erguêl-a*)

JULIA (*levantando-se de per si*).— Agradecida senhor Dr. Eu já posso. Vém commigo Leonor. Boa noite, meu pai (*beijando-lhe a mão*) Meus senhores! Muito boa noite. (*sae com a irman*)

SCENA XII

OS MESMOS, MENOS JULIA e LEONOR.

CONDE (*para os criados do campo*).— Podem retirar-se! Digam a essa gente que ficou lá fóra no pateo que S Ex. não teve perigo, que está perfeitamente restabelecida (*os criados inclinão-se e saem*) João!... Pode retirar-se... E Vm. senhora Engracia, vá perguntar ás senhoras se precisam d'álguma cousa... Não saia d'ao pé d'ellas (*João sae pelo fundo e Engracia pela mesma porta por onde sairam as duas irmans*) Meus senhores. (*dirigindo-se aos convidados inclusive Dr. Mahalhães*) A noite vai adiantada!... (*olhando o relogio*) São duas horas e meia... As scenas que acabam de ter logar impressionaram-me... Em vão tentaria conciliar o sômno... Se VV. SS. não levam a mal, isto é... se os não incommodo... proponho que continuemos a jogar.

CONVIDADOS—Com todo gosto, senhor Conde.

Dr. Magalhães (*aparte, sahindo*) E' vicio de fidalgos!... Hão de estar sempre a jogar!... E eu que os ature. (*sae com o Conde e convidados*)

SCENA XIII

Capellão, Procurador,

Procurador (*aparte*).— E não me deu boas noites!...
Capellão (*idem*).— E' tão jogador que nem boas noites me deu!... (*olhando de soslaio*) Este procurador é um velhaco!...
procurador (*idem*).— Este Padre— Capellão é um tartufo!...
Capellão (*alto*).— Então Sr Domingos! Vamos descançar São horas (*sahida falsa*) Boa noite.
Procurador.— Sr Padre José. Peço-lhe duas palavras.
Capellão (*aparte*) Que amollador!... (*alto*) Estou ás ordens do amigo.
Procurador (*aparte com ironia*) Amigo!... (*alto*) E olhe que sou de V. Rma verdadeiro amigo.
Capellão (*idem*) Sim, sim... Eu te conheço. (*alto*) Queira pois dizer o que pretende.
Procurador (*idem*) Diabo! Não sei como comece! (*alto*) Sr Padre José!... Esta caza anda mal administrada.
Capellão (*idem*) Pudéra. E' elle o procurador (*alto*) Porque?
Procurador— O Sr. Conde não cuida de casar as filhas...
Capellão (*idem*) Quer plantar verdes...
Procurador.— De forma que ellas vem a ficar para tias!...
Capellão (*alto*) As filhas do Sr Conde!... (*aparte*) Bem o digo. O homem é tolo—velhaco.
Procurador— Desconfio que andam por aqui dois mélros. E, um d'elles... tem o bico amaréllo...
Capellão— Quér dizer que um d'esses mélros... tem das amaréllas (*fazendo signal de dinheiro*)
Procurador-— Gosto de fallar com quem me entende... O outro... E' um pobre diabo... Não tem onde cair morto... Dizem que é jornalista, *escripturario*... Elle é uma couza assim... Historias!... E que tem talento...O *talento* valia n'outro tempo... Foi no tempo dos Romanos que se usou uma moéda

com este nome... de ouro... Mas hoje— *talento* é uma coiza sem significação, puramente especulativa, sem realidade palpavel, sónante...
CAPELLÃO— O senhor Procurador gosta do estylo figurado!...

PROCURADOR— E' o mais interesante...

CAPELLÃO (*sorvendo uma pitada*).— E'... Lá isso é.

PROCURADOR— De forma que os dois... estão em um grande desconcerto... Um tem... e o outro não tem... nem dinheiro, nem posição!...

CAPELLÃO (*outra pitada*) E' o diabo... é...

PROCURADOR— Lembra-me então que V. R^ma^ como eu, deve desejar, sem duvida, o bem-estar d'estas meninas, e, que podia ajudar a cazar, o que tem... E não consentir que o outro... metta cá o nariz... E a razão é porque não tem... Isto é logico.

CAPELLÃO.—E' dialetico, Sr. Domingos! E' dialetico!...

PROCURADOR (*áparte*).— E' termo de medicina... com certeza. (*alto*) Pois como lhe disse, isto parece muito logico.

CAPELLÃO.— O Sr. Domingos tem logica. tem... Mas a a sua lembrança... é descabellada!... Não tem logar.

PROCURADOR (*áparte*),— Mau... mau...

CAPELLÃO.— O Sr. não me conhece!...

PROCURADOR.— Conheço, sim senhor.

CAPELLÃO (*proseguindo*).— Vm. julgou que eu devia representar um papel ridiculo n'este melodrama... Enganou-se!... (*exaltando-se*) Sou sacerdote de Jesus-Christo que enxotou os vendilhões do Templo e que desmascarava publicamente os Escribas e os phariseus.

PROCURADOR.— Emquanto a *escribas*... Eu não sou escriptor... Bem sabe.

CAPELLÃO (*proseguindo*) Não me meça pela craveira com que indistinctamente é costume medirem-se hoje todos os sacerdotes da nossa religião... Lembre-se, Sr Domingos que d'entre estes ainda póde haver alguns que sigam s'trictamente as doutrinas do divino Mestre... E deve saber que estes não transigem com as exigencias de uma sociedade corrupta e venal!...

PROCURADOR (*hypocritamente*).— S^r^ Capellão... Eu não disse isto com a intenção de escandalisal-o... Foi sómente com a generosa idéa de tornar-me util a esta casa da qual V. R^ma^ e eu... somos assiduos commensaes... E pelo conseguinte...

Capellão (*levantando-se*).— Sr Procurador!...

Procurador (*idem*) Sr Padre Capellão!...

Capellão (*proseguindo*).— Não sou criado d'esta caza... Não é que d'ahi me viésse algum desdouro, longe de mim tal pensamento!... Mas é mais nobre, mais sublime a minha tarefa!... Investido dos poderes que me foram outorgados por Jesus-Christo, o Divino fundador da Igreja a que pertenço... Eu não devo considerar-me se não como encarregado de uma missão Divina que nada tem com as intermittencias do mundo. Sou apostolo do Bem... Devo levar os homens pelo caminho da virtude ao templo da justiça... Os mais abalisados philosophos não poderão destruir esta maxima. «Amarás ao Senhor teu Deus sobre todas as couzas e ao proximo como a ti mesmo» O verdadeiro Sacerdote é «sal da terra e luz do mundo»... E o senhor que gosta do estylo figurado deve comprehender estas palavras.

Procurador— Fallo-lhe francamente... Não as comprehendo bem...

Capellão— Eu estou-lhe fallando portuguez.

Procurador (*ironicamente*).— Pensei que era latim... Desculpe.

Capellão— O Sr pedio-me duas palavras... Eu já tive a condescendencia de dizer-lhe mais... Deve estar satisfeito... E' quasi madrugada e eu tenho que dizer missa. Boa noite. (*sae*)

SCENA XIV

Procurador (*só*) Quem os não conhecer que os compre!... Padres!... São todos assim!... Dão uma no cravo... outra na ferradura!... O diabo que os entenda!... Que custava a este velhaco... fazer o que lhe disse!... E' jesuita... Não têm que vêr!... Pois asseguro-te meu ladrão— que não has de levar a melhor!... Talvez não sejas, por muito tempo, capellão d'esta caza... Deixa estar!... Hei de vencer!... Tenho fé que hei de vencer!... Probidade, honra, cavalheirismo... palavras que nada significam... Eu sigo outro caminho... Faço por agradar aos poderosos, por tornar-me bemquisto dos que avésam.., (*signal de dinheiro*) O mais... historias!... Este pensa que as hóstias têm um rendimento certo, infallivel!... E's velhaco, és... Mas eu sou mais do que tu!...

SCENA XV

O Mesmo, Engracia.

ENGRACIA (*Entrando como quem vém procurando algum objecto, com uma luz. De repente estaca, transida de susto ao dar de frente com um homem postado no meio da salla*) Ah! Quem está ahi!... (*reparando*) E' Vm. Sr Antonio Domingos!... Parece que anda *mafarrico* n'esta casa!... Sempre me pregou um susto!...

PROCURADOR— Você tambem é a mulher dos sustos!... Pois não sabe que esta noute ninguem poude dormir.

ENGRACIA— E' como diz, Sr Domingos... Ninguem pôz ôlho esta noute. Uma noute assim!.,. Crédo! Sto nome de Maria!... (*Vai começando a romper a aurora*) *Bou-me* lá!... E' madrugada!... E preciso fazer um cozimento de cêra para pôr nas queimaduras de S. Exa...

PROCURADOR—A menina queimou-se?...

ENGRACIA— Não, senhor. Ella não se queimou— graças a Deus. Criou umas empólas... Bem sabe que uma pelle fina como a de S. Exa qualquer couza a faz *lebantar*...

PROCURADOR (*intencionalmente*).— Aquella Sra é muito atreita a— queimar-se...

ENGRACIA— E' uma innocente... Metter-se assim no p'rigo!... Crédo! Sto mome de Jesus!..

PROCURADOR— Não ha que ver... E' gente nova.

ENGRACIA— Sr Domingos... *Bou-me* lá. São horas de ir acender o lume. (*saida falsa*)

PROCURADOR— O' tia Engracia!..· Diga-me uma couza... O Dr. Magalhães saiu tambem ou ficou?...

ENGRACIA.-- Eu lhe digo. O fidalgo *estebe* na jogatina... até ser dia... E parece-me que o Sr. Dr. Magalhães está a dormir... a sômno solto.

PROCURADOR.— Olhe lá!... Quando elle acordar diga-lhe que eu desejo fallar-lhe em particular. Não se esqueça. Logo que elle accórde. Ouvio?...

ENGRACIA.— *Oubi* sim senhor. Deixe estar. Eu lhe farei presente (*saem, cada um pòr seu lado*)

SCENA XVI

JOÃO (*só*)

(*Entrando, em trajos de quem vai ouvir missa*).— Safa!... Que noute, meu Deus! Que noute!... Diz que até tremeu a

terra... Ora, eu senti á modo que a casa a s'tremecer!... Pobre Zé da Matta!... E' um louvar a Deus!... Não faz se não alastimar-se do perjuiso que lhe fez o raio... Foi-lhe á corte do gado... Lambeu-lhe uma junta de bois!... Eram uns touros bonitos... Valiam, com os olhos fechados, cinco ou seis *moédas!*... Não morreu criatura humana. E' o *sencial*...

SCENA XVII

O MESMO, LEONOR

LEONOR (*entrando*).— João?...

JOÃO.— Minha senhora.

LEONOR.— Onde vais tão cêdo?...

JOÃO.— Ouvir missa, minha senhora.

LEONOR.— Fazes bem. Dize-me: O Sr. Dr. Magalhães sahiu agora com os outros senhores, ou ficou?...

JOÃO.— Minha senhora. A cavalgadura do Sr. Dr. Magalhães, está lá em baixo... na estrebaria.

LEONOR (*aparte, com amargura*).— Sempre a perseguir-me!... (*Ouvem-se cinco badaladas no sino*) Podes ir, João.

SCENA XVIII

LEONOR (*só*)

Visão implacavel!... Eu terei a necessaria coragem para resistir-te!... Quando não podesse supportar a tua resistencia... Ai de mim! (*escondendo o rosto entre as mãos, com os cotovellos apoiados na meza.*)

SCENA XIX

A MESMA, DR. MAGALHÃES

LEONOR (*Dando com os olhos no Dr. que vem entrando, esconde outra vez o rosto, como fugindo á visão d'um espectro*).— Ah!...

DR. MAGALHÃES (*em trajos de jornada, aparte*).— Parece louca!... (*chegando-se*) Dá licença?...

LEONOR (*procurando contrafazer-se*).— Ah! Queira desculpar!... Uma noute horrivel!...

DR. MAGALHÃES.— Muito, minha senhora.

LEONOR.— Aquelle sinistro... Minha irman... Tudo isto parece que me deixou a cabeça estonteada.

Dr. Magalhães *(aparte)*.— Parece!... *(alto)* V. Ex. já devia estar descançando. Uma noute em vigilia para uma organisação como a sua... é muito prejudicial.... V. Ex. pelo seu bondoso coração afflige-se talvez mais com os alheios do que com os seus proprios soffrimentos.

Leonor.— Agradeço-lhe o juiso benevolo que faz da minha pessoa.

Dr. Magalhães.— Não tem que agradecer-me. E' a expressão da verdade... Isto é um dever, não é um favor *(áparte)* Todas as mulheres se rendem por este lado: *Vanitas, vanitatem et omnia vanitas* *(alto)* Venho receber as ordens de V. Ex. Gosto immenso d'estes sitios... Extasio-me junto d'esta natureza opulenta, mas tenho que fazer em « Guimarães » Chamam-me lá os meus deveres, *Creixomil* é uma das quintas mais bellas da Commarca de Villa-Nova... E habitam n'ella anjos... que podem fazer milagres.

Leonor (*aparte*).— Affligem-me as palavras d'este homem!... (*alto, estendendo-lhe a mão*) Sr. Dr! Estimo que faça boa jornada. (*o Dr. sae*)

SCENA XX

Leonor, Julia

Julia.—(*entrando*) Ouvi tudo! E' escusado occultares-me por mais tempo, a causa do teu soffrimento. Este homem pretende-te a todo transe.

Leonor.— Não... Isto é, declarou-me uma vez que me pretendia, que me amava. Bem sabes.

Julia.—Mas tu não o amas! E' isto que te afflige!... Que não te dá um momento de tranquilidade...

Leonor.— E' verdade. Porém, assiste-me o direito de desprezal-o.

Julia.— E' o que deves fazer! Este homem não pode fazer-te feliz! Adivinho-o, presinto-o, juro-o!... Não cedas!... Bem sabes que desejo a tua felicidade... Morrerias de paixão se tal acontecesse!... E' um caracter mau. Não ha quem o desconheça... Se muitos o não dizem é porque o temem... Alguem que tenta uma demanda injusta que vae deixar uma familia perdida... Um negociante que se fingiu... quebrado Uma morte provada!.. Tudo elle remedea com o « poder do ouro » dos que o encarregam de taes infamias... Tudo sacrifica!... Tudo calca aos pés!... E, por uma estrada tão iriçada d'infamias onde poderá chegar!... Horror!...

LEONOR.— Presinto que elle ha de valer-se de todos os recursos para obter a minha mão.

JULIA.— O coração não se domina. E' nosso!... De mais ninguem!... Nunca o daria a um homem que não amasse!... Ainda que meu pai me impozésse... A « nobreza » não nos póde escravisar!... Se o destino nos fez nobres... é para gozarmos estes privilegios... Nunca para sermos escrava d'elles!...

LEONOR.— Tambem assim penso. Mas... a educação que recebemos colloca-se diante de nós para não nos deixar nem sequer entrevêr tão generósa tentativa... Como havemos de resistir á vontade imperiosa, irrevogavel de um pai, orgulhoso da sua raça, cuja ascendencia se prénde nos tempos em que dominava o genio das conquistas?...

JULIA.— E, que importa! Na época que estamos as verdadeiras conquistas são as do espirito!.. São os productos de genios privilegiados!... O « bem-estar de todos é o bem-estar de cada um » A instrucção matou o privilegio d'esse tempo, em que dominava a força sobre o Direito, o forte sobre o fraco, a prepotencia dos poderosos contra os pobres desprotegidos...

LEONOR.— E's muito philosopha... Não será tanto como se diz... O passado é licção do futuro... E como progredir, como caminhar sem os sacrificios das gerações passadas?...

JULIA.— São as « evoluções » segundo dizem os escriptores, os publicistas... O que elles querem é a paz de todo mundo... A Igualdade, a Fraternidade, a Lei de Jesus, isto é, o triumpho da democracia, luz do futuro, amparo dos desvalidos...

LEONOR.— A Força dominará sempre sobre o mais fraco.

JULIA.— Não duvido.

SCENA XXI

AS MESMAS, JOÃO

JOÃO, (*da porta*).— Dão licença, minhas senhoras?...

LEONOR.— Que é João?...

JOÃO.— E' o Sr. Conde que manda dizer a V. Exa...

LEONOR.— E' para lhe ir fallar... Não é assim?...

JOÃO.— Minha senhora... Elle mandou-me só saber se V. Exa. estava só...

Leonor (*aparte*).— Que martyrio!... (*para o criado*) Dize-lhe que estou só. (*o criado, inclina-se e sae*)

Julia, (*para a irman*).— Não sei porque papai sempre procura fallar-te só (*aparte*) Preciso desenganar-me!... (*alto*) Socega, Leonor!... Serei o teu anjo da guarda. E' de absoluta necessidade que eu assuma, d'ora em diante, um papel mais energico n'esta casa! Náo lhe darás uma resposta decisiva a respeito do teu cazamento. E' o teu direito!... E, é o teu dever!... (*sae*)

SCENA XXII

Leonor, Conde

Leonor, (*amargamente*).— Que supplicio!...

Conde, (*entrando*).— Leonor!...

Leonor.— Meu Pae...

Conde.— Assentemo-nos... (*sentando-se*) Estás, ou não estás resolvida a aceitar o pedido do Doutor Magalhães?...

Leonor.— Não, meu pae... Não estou... V. Exa. não ha de obrigar-me... Por piedade; não o permitta!...

Conde.— Dar-te-hei algum tempo mais para pensares... Espero não deixarás dominar-te por momentaneas impres sões... Não são as que convém a uma senhora da tua classe... Deixa-te, mais uma vez te recommendo, d'essas leituras perniciosas que têm influido sobre o teu modo de pensar... Não te digo que não leias... Porém, esses malditos livros que te têm estragado a cabeça devem ser banidos d'esta casa... Ordemno-o!...

Leonor.— Não são os livros que me têm ensinado a repellir o homem que V. Exa. me indigita... E' o meu coração... São os meus sentimentos... São todos esses módos de ser da nossa vida, do nosso pensar... da nossa indole... que concorrem, unica, exclusivamente, para que não aceite para esposo um homem que não amo, que não posso amar!

Conde.— Ainda uma vez!... E seja a ultima!... Não admitto romantismos!... Quero, exijo o seu enlace com o Dr. Magalhães « unica e exclusivamente » porque lhe convém!... E' um homem de representação social... Em nada vem desconceituar a nossa casa... Pense, reflicta, e verá que é o homem que lhe convém.

SCENA XXIII

OS MESMOS, JULIA

JULIA, (*entrando como quem vém de ouvir esta scena*).— Não é esse o homem que convém a minha irman!...

LEONOR, (*levantando-se*),— Julinha!...

CONDE, (*exasperado*).— Quem lhe permittiu licença para vir interromper-me?...

JULIA. (*desprendendo-se dos braços da irman*).— Sr. Conde! (*contendo-se*) Meu pai!... V. Exc. não póde consentir... Minha irman...

CONDE, (*interrompendo-a*).— Responda!... Quem lhe deu autorisação d'entrar aqui sem ser chamada?...

JULIA, (*animando-se*).— O meu dever!...

CONDE (*com auctoridade*).— O seu dever, minha senhora, é sair!... Já!... Retire-se!...

LEONOR, (*banhada em pranto*).— Meu pai!... Olhe que me mata!... Por piedade!...

JULIA.— Eu saio!... Antes de sair, porém, permitta-me que lhe diga duas palavras: Disse a V. Exc. o que me tinha aqui trazido... Não me retrato!... Sou filha do Conde de Sta Marta!... Pois bem!... E' em nome do Conde de Sta Marta que protesto contra o cazamento de minha irman com o homem que V. Exc. lhe inculca... Sr. Conde! Meu pai!... A fidalguia ordena, obedeço-lhe!... A razão, a consciencia clamam pelos seus direitos — n'este caso — protesto!... Minha irman não póde ser constrangida a cazar-se com um homem que não ama!...

CONDE, (*indignado*) Oh! E' de mais!...

JULIA, (*proseguindo*).—Lembre-se V. Exc. que para o futuro a sorte d'esta infeliz terá de recair sobre a sua cabeça envolvendo em crépes de um arrependimento tardio os brasões da nossa casa!... E' em nome de tudo que póde haver de mais santo que eu lhe peço... (*chorando*) desvie tão lamentavel desgraça de sobre a nossa familia!... Imploro-lh'o!... (*tomando-lhe a mão e beijando-a*) Oh! V. Exc. não deixará de attender-me... Perdoe-me a minha exaltação... Perdoe-me as palavras que ousei pronunciar... (*vae ajoelhando-se o Conde repelle-a. Levantando-se*) Não se póde ser nobre debaixo da tyrannia!... Meu pai!... Retiro as palavras que lhe diriji. Não sou filha dos nobres de Sta Marta!... quem lhe dirigio a palavra... é uma mulher do povo!...

SCENA XXIV

OS MESMOS, CAPELLÃO

CAPELLÃO, (*da porta*) Sr. Conde?... Dá licença?...

CONDE, (*voltando-se para o Capellão*).— Chegou a proposito!... Esta senhora (*indicando Julia*) acaba de sair fora dos limites, transgredio os deveres de uma boa filha!... E' a primeira vez que me falta ao respeito... Estou abysmado!... Leve-a!... Que saia diante da minha vista!... Não a quero ver mais!...

LEONOR, (*em pranto*).— Meu pae!....

CAPELLÃO.— V. Exc. bem sabe que sua filha é uma criança nervósa... Perdoe-lhe, Sr. Conde... Tenha paciencia. Para todo peccado ha perdão... Ella pede-lh'o em nome de Jesus-Christo... Sra. D. Julia... Peça perdão a seu pai.

JULIA, (*em soluços*).— Meu pai... Perdoe-me.

CONDE, (*inexoravel*).— Sr. Padre José! Cumpra as minhas ordens... E' o que deve fazer.

JULIA, (*erguendo-se*).— Sr. Conde!... As suas ordens vão ser cumpridas... Sr. Padre José!... Estou á sua diposição. *(sae, com o Capellão)*

SCENA XXV

CONDE, LEONOR, depois JOÃO

CONDE, (*agitado*).— Pensam que não ha aqui quem as governe! Gostam de republica... Mas, estão enganadas!...

JOÃO, (*da porta*).— O Sr. Procurador pede a V. Exc. duas palavras em particular.

CONDE.— Que entre! (*reparando em Leonor*) Leonor! Recommendo-lhe que pése maduramente o que lhe disse... Tome as minhas palavras na devida consideração...

LEONOR, (*saindo*).— Que martyrio!...

SCENA XXVI

CONDE, PROCURADOR

PROCURADOR, (*da porta*).— Senhor Conde!...

CONDE.— Póde entrar.

PROCURADOR.— Mandei dizer a V. Exc. que desejava fallar-lhe particularmente...

CONDE.— Diga o que pretende... Não estou para muita massada.

PROCURADOR. (*olhando em róda*).— E' um caso gravissimo que me traz á sua presença.

CONDE, (*impaciente*).— Avie-se.

PROCURADOR.— Eis o caso: A V. Exc. não deve ser de todo estranho que entra n'esta casa um mélro esfolado que não tem déz reis para mandar tocar um cégo... E' um valdevinos. Este mélro teve a velhacaria — peço desculpa d'este modo de me expressar. Gosto de chamar ás couzas pelo seu nome—teve a velhacaria de enfeitiçar uma das suas filhas... Ora, aqui está a razão dos dissabores que agora reinam n'esta casa e, que têm amargurado sobremodo o genio bondoso de V. Exc...

CONDE.— Quem é esse homem?...

PROCURADOR.— E' esse Arnaldo de Souza... Um belleguim... um rabiscador... um parasita... Não tem posição nenhuma... não tem mesmo onde cair morto!... Ora ahi tem V. Exc. o homem que pretende...

CONDE.— Quem é que elle pretende?...

PROCURADOR.— A Exma. Sra. D. Leonor.

CONDE, (*áparte*).— Leonor!... Comprehendo agora!

PROCURADOR.— Dou a V. Exc. um alvitre... O unico que me parece mais acertado.

CONDE.— Diga.

PROCURADOR.— V. Exc. não deve receber mais, aqui, em sua casa esse patife... Deve empregar todos os esforços para que S. Exc. se incline para um homem que lhe convénha... O Dr. Magalhães é um grande advogado; foi presidente da camara, procurador á Junta de Districto, administrador do Conselho... e vai agora ser deputado, como V. Exc. sabe... O Dr. Magalhães pretende a mão da Exma. Sra. D. Leonor.

CONDE.— Esse Arnaldo de Souza nunca mais entra em minha casa!... Vém aqui enxovalhar os meus brasões!... Tem razão, Sr. Antonio Domingos... Vm. acaba de dar-me uma prova, uma demonstração de que se interessa pelo bem estar da mínha casa. Agradeço-lhe.

PROCURADOR, (*desfazendo-se em reverencias*).— V. Exc, não tem nada que agradecer-me. E' minha obrigação. Era o que faltava se, depois dos favores que tenho recebido de V. Exc, não cuidasse de fazer engrandecer a sua casa!... Sr. Conde!... Eu jamais consentirei que se conspurque a inclyta fidalguia dos nobres de Sta Marta.

CONDE.— Obrigado. (*Lacaio, annunciando o Sr. Arnaldo*

de Souza. (*Para o procurador*) Que me diz?... que o receba?...

PROCURADOR.—Eu, no caso de V. Exc, recebia-o, não ha duvida, mas havia desmascaral-o, e... punha-o no olho da rua!...

CONDE, (*para o lacaio*).— Entre. (*O lacaio sae*) Convém deixar-me a sós com elle.

PROCURADOR.— E' conveniente... A's ordens de V. Exc. (*sae, fazendo-lhe uma profunda reverencia*)

SCENA XXVII

CONDE, ARNALDO

ARNALDO, (*em trajos de viagem*).— Sr. Conde... Como tem passado?...

CONDE.— Sr. Arnaldo de Souza... Estimo que tenha passado bem. Então, que ha de novo?...

ARNALDO.— Nada de novo, Sr. Conde. A nossa terra dorme o somno pezado da indifferença.

CONDE.— Quem ganha as eleições?...

ARNALDO.— Na matriz de S. Domingos os grupos do Barão de Pombeiro contavam levar a victoria. Deve ser brilhante!... E' uma completa derrota para o partido Cabralista... que deve estar, a esta hora, fortemente contrariado Não contavam com similhante desastre!...

CONDE, (*satisfeito, aparte*).— Oh! Ainda bem! (*alto*) Parece-lhe que o Cabral perde a eleição?...

ARNALDO, (*com calma*).— Parece-me que perde, Sr. Conde.

CONDE, (*disfarçando o contentamento*).— E' politica... Uns sóbem, outros.., descem...

ARNALDO, (*com ironia*).— E' exacto... Uns sobem, outros descem!... E os que sobem agora hão de necessariamente cair amanhã!... A politica é uma esphera que gira com espantosa celeridade ao ephemero capricho das multidões... Um dia têm a desgraça de serem illudidas logo depois, despertas do engano, proclamam pelos seus direitos!,..

CONDE, (*despeitado*).— Comprehendo.

ARNALDO.— A mentira e a fraude desvendar-se-hão. E' uma lei fatal, inexoravel!...

CONDE.— Observo-lhe que sou uma das influencias do partido a que allude.

ARNALDO.— Longe de mim a intenção de deslustrar o

« partido » de que V. Ex. faz parte ... Mas, a verdade como que irrompe, impellida por uma força ingente . .. E as almas generozas como a de V. Ex. não comprehendem *certas manóbras* ... que em taes casos se gladiam ...

CONDE.— Sei que é por deferencia, ou interesse para com o partido opposto, resentido da sua derròta procura-lhe uma tangente para desculpar-lhe a fraqueza... a falta de apoio com que tem lutado, vendo cair uma por uma, as muralhas que julgava inexpugnaveis !...

ARNALDO.— Não é uma tangente, será uma paranomasis... Creia V .Ex. qualquer que seja a sorte reservada ao partido de que tenho sido fiel campeão na arêna jornalistica ... não me ficará o menor pezar!... Espero pela lei dos acontecimentos qne o ha de fazer triumphar !

CONDE.— Acho conveniente não falarmos mais n'estes negocios ... Sinto as cousas não lhe correr à medida dos seus desejos.. Mas *(com sarcasmo)* « é lei dos acontecimentos. »

ARNALDO.— Motivos mais elevados me trazem aqui ... Desde que em casa de V. Ex. me tornei victima expiatoria de uma scena que me amargurou o coração... jamais teria coragem de transpor os umbraes da sua casa se não fôra, repito, arrastado aqui por motivos por demais valiosos.

CONDE.— O Sr. Souza tem a palavra.

ARNALDO *(sempre com serenidade)*.— São factos que qualquer homem deve tomar na devida consideração ...

CONDE.— E' possivel...

ARNALDO, (*continuando)* .— Venho á sua presença desenganar-me.

CONDE, (*com certa pausa*) .— O exordio já se vai tornando bastante longo ... Queira entrar no discurso.

ARNALDO.— Tomo a liberdade de lembrar a V. Ex. que não estou fazendo.. discursos! Estou apenas preparando-lhe o animo porque conheço a melindroza situação em que colloquei-me e a inaudita estranhesa que hão de causar-lhe as minhas palavras.

CONDE.— Deve ser importante... pelo exordio.

ARNALDO.— V. Ex. não imagina o que pode ser ... (*o Conde fica admirado*) venho hoje aqui para lhe pedir a mão da Exma. Sra. D. Julia, sua filha.

CONDE, (*como não acreditando no que ouvio*) . — Que é que foi o que o Sr. disse?.. Repita. E' favor.

ARNALDO.— Disse que venho pedir-lhe a mão de sua filha da Exma. Sra D. Julia.

Conde, (*riso forçado*) .— O Sr. está caçoando... Com certeza.

Arnaldo.— Tomo a liberdade de repetir a V. Ex. que são factos palpaveis, evidentes. Não é caçoada.

Conde (*aparte*).— O homem perdeu o juizo (*alto*) O Sr. fallou em factos ... Naturalmente estão na sua cabeça... os factos.

Arnaldo, (*tirando uma carta do bolso*) .— E' uma carta de sua filha! Diz-me para a vir pedir... Prevendo uma reçusa da parte de V. Ex. recommenda-me... Queira ouvir... E' melhor. Podemos logo acabar com isto. « Sr. Arnaldo de Souza. » (*alto*) repare que é uma carta escripta com seriedade (*lendo*) « Pensando no meu futuro entendi que precizava tomar um novo estado, porque uma mulher nas minhas condições tendo por unica familia um pai que estremece, póde de um momento para outro, ficar só no mundo, sem outro arrimo que não seja o d'alguns famulos mercenarios, ou parentes egoistas... Resolvi declarar-lhe que o amava, outro dia que o Sr. teve de renunciar... Resolvo communicar-lhe, que sentindo o seu amor lhe concedo plena acquiescencia para vir solicitar-me em cazamento. No cazo de uma recusa, como presinto, de meu pai, recommendo-lhe que não deixe de apresentar-lhe a minha propria carta. Julia d'Albuquerque Simães. »

Arnaldo, (*entregando-lhe a carta*) .— V. Ex. póde reconhecer a assignatura e verificar a letra.

Conde (*abismado*) .— Não ha duvida!... E' de minha filha!... Entretanto, o Sr. comprehende — na occasião que ella lhe escreveu esta carta podia não estar em seu estado normal (*mettendo a carta no bolso*) E portanto...

Arnaldo.— Portanto. disia V. Ex...

Conde (*carrancudo*) .— Não devo restituir-lhe esta carta!

Arnaldo, *(sorrindo)* .— Os nobres não costumam praticar similhantes vilanias!... O Sr. Conde era incapaz de tal... Faço-lhe justiça.

Conde (*caindo em si*) .— Desgraçadamente ... Não o devo fazer ..! Não quero dar-lhe occasião a que saindo aquella porta vá dizer por ahi que lhe tomei um papel... que me não pertence...

Arnaldo *(guardando a carta)* .— E' pouco lisongeiro o juiso de V. Ex.

CONDE.— Leve a sua carta. Eu recuzo-lhe a mão de minha filha!...

ARNALDO (*levantando-se*).— Sr. Conde!...

CONDE.— O Sr. não me conhece. Se me conhecesse nunca teria o arrojo d'entrar aquella porta para fazer-me similhante pedido!... O Sr. não sabe o que pedio!... Se o sabe—permitta-me que lhe diga—é o homem mais petulante que tem entrado em minha casa!...

ARNALDO (*exaltando-se*).— Sei o que peço. Mas, desde que tive a felicidade de possuir um documento — deixe-me assim chamar-lhe — cujo documento é para mim, uma próva irrefragavel, que milita a meu favor e pelo qual estou livre, aos olhos do publico, de juizos, para mim menos benevolos... digo, a partir d'este momento, entendi que não devia recuar na minha resolução, que é a mesma que anima o coração de sua filha.

CONDE.— Minha filha é uma criança!... O Sr. já podia ter mais juizo do que acaba de mostrar!... O Sr. não podia suppor que jamais consentiria em similhante enlace!... Póde ficar desenganado. Se é isto que pretende sinto dizer-lhe que não posso, nem devo continuar a dar-lhe attenção.

ARNALDO.— Não desejo tornar-me importuno com V. Ex. nem com pessoa alguma.

CONDE (*bruscamente*).— A's ordens. (*sae*)

SCENA XXVIII

ARNALDO, CAPELLÃO

(*Arnaldo tem vindo á bôca da scena e fica por um momento como petrificado pelo modo brusco do Conde. O Capellão aproximando-se lentamente d'elle colloca-lhe a mão sobre o hombro. Elle estremece, como se accordásse de um letargo profundo, e fita o Capellão com olhos desvairados d'amargura.*)

CAPELLÃO.— O Sr. tem uma alma nobre!... Fui condiscipulo de seu fallecido pai, no Seminario de S. Pedro, em Braga. Conheci-o!... Fui intimo amigo d'elle... Sel-o-hei do filho... Elle amou perdidamente uma senhora; foi sua

mae, de quem o Sr. é o retrato... Foi por isso que não levou ao cabo a carreira do Sacerdocio a que se destinava. Um ministro de Deus deve praticar o Bem. Deus lh'o ordena. (*erguendo os olhos ao céo*) Senhor!... Vós o dissestes « O que fizeres na terra será bemdito no céu »

FIM DO SEGUNDO ACTO

Acto terceiro

Uma praça, e ruas com lampeões. E' noute d'inverno. Veem-se cair flocos de neve; de quando em quando, um e outro transeunte atravessa a praça ao fundo. Ouvem-se longe os sons de uma banda de musica, e d'espaço a espaço, vivas de regozijo.

SCENA I

ARNALDO, CAPELLÃO

ANALDO (*entrando com o Capellão*).— Os sons d'aquelles instrumentos são punhaes que me atravessam o coração!...

CAPELLÃO.— Socegue. Ha de colher os louros da victoria. Trabalhe incessantemente. Um dia entrará no Capitolio. Estes triumphos são ephemeros... instantaneos. Têm a duração limitada que lhe imprime a caprichosa multidão!... Hoje sobem — amanhã descerão — para dar o lugar a outros Caprichos da sórte, meu amigo.

ARNALDO.— Em quanto lhes dura o triumpho vão pensando de prevenir-se de qualquer eventualidade que lhe possa embargar os planos ambiciosos. E' assim que fazem os politicos.

CAPELLÃO.—Bem digna de lastima a politica d'esses a que allude. O verdadeiro politico é aquelle que procura pelo seu talento, e aptidões, como pela sua vontade e pelos esforços que emprega, levantar o paiz ao nivel das nações adiantadas. E' aquelle que n'uma esphera, menos larga, como a de que se trata, alli, no meio d'aquellas manifestações d'alegria, eleito deputado, e constituido ligitimo representante do povo, procura,por meios licitos, o bem estar d'esse povo. Tudo que não é isto é uma ambição pessoal,degradante,que causa nôjo, repugnancia.

ARNALDO.— E' por isso que sempre os tenho fulminado no tribunal augusto da opinião publica.

CAPELLÃO.— Faz muito bem. Por maiores que sejam as

contrariedades a vencer... a justiça ha de triumphar! E' uma lei da historia.

ARNALDO.— E' difficil. A corrupção lavra nas multidões, com a força irresistivel da fascinação!...Já agora cumpre-me não recuar no caminho que comecei que é o da honra e o da verdade.

CAPELLÃO.— Não ha de arrepender-se por isso.

SCENA II

OS MESMOS, JULIA, JOÃO

JULIA *(Entrando acompanhada pelo criado. Trajada elegantemente, vai atravessando a scena, dá defrente com Arnaldo e com o Capellão)*.— Ah!...

ARNALDO (*surpreendido*).— V. Ex. por aqui?... A estas horas?...

CAPELLÃO (*censurando*).— E' realmente extraordinario!... A filha do Conde de Sta Marta, fóra d'horas!... E' um phenomeno!...

JULIA (*com graça*).— Os phenomenos dão-se frequentes vezes, Sr. Padre José...

CAPELLÃO.— Nunca d'esta maneira!... V. Ex. devia ter previsto as consequencias que podem arrastar comsigo similhante proceder!...

JULIA.— Eu não pezei as consequencias porque o meu amor é sem limites!... Elle abafa todas as considerações, ou antes, todos os prejuisos a que estou correntada n'esta sociedade (*levando o lenço aos olhos*) que me não deixa, nem respirar livremente o coração... Não tenha receio. Ninguem o saberá... Só o nosso velho João que me acompanhou...

CAPELLÃO (*reparando*).— Ah! Estás ahi João?...

JOÃO.— Saiba V. Rm. S. Ex. *intimidou-me*... E não houve meias medidas!... E' para lá com a cara d'reita, disse-me, e vai eu Sr, como o outro que diz...

ARNALDO.— Mas V. Ex, para que saiu de casa com uma noite d'estas!... caindo neve... com todo este frio!...

JULIA.— Quando se ama como eu lhe amo, não ha frio por mais intenso, que não seja para nós uma verdadeira chamma!... Não ha perigos que façam recuar uma vontade energica! *(tomando-lhe a mão)* Sei o passado!... Mas... eu juro-lhe firmeza!... Hei de ser sua espoza. E' necessario que sejamos um dia senhoras da nossa liberdade!... Começo o exemplo. A quem não agradar não o siga!...

ARNALDO.— Antes de saber que me amava, eu, já fruia, no silencio do meu amor... esses gozos que me vinham cariciar os ardentes transportes da minha alma, os anceios do meu coração pensando trazel-a constantemente a meu lado...

JULIA.— Como havemos de ser felizes!...

ARNALDO (*abraçando-a*).— Bello sonho! Querida Julia.

JULIA.— Deus ha de ser por nós... Elle sabe a pureza das minhas intenções... Deus é justo, Deus é misericordiozo.

CAPELLÃO.— Acabem com isso! E' necessario tomar outra direcção. V. Ex. tenha a bondade de recolher-se a casa antes que a vejam... Nós seguimos outro caminho. Não seria conveniente que alguem a visse por aqui em tão critica occasião.

JULIA (*para Arnaldo*).— Quando nos havemos de tornar a vêr?...

ARNALDO (*apertando-lhe a mão*).— Breve, meu amor.

JULIA (*faz uma cortezia ao Capellão depois de lhe ter beijado a mão*).— Sr. Padre José. Muito boa noute. *(saindo)* Vamos! João!... (*sae com o criado*) (*Arnaldo e o Capellão saem pelo lado opposto.*)

SCENA III

DR. MAGALHÃES, PROCURADOR.

PROCURADOR, (*entrando,conversando*) .—E' o que lhe digo! Escusa de receiar... A pequena está aqui, está casada com V. S.

Dr. MAGALHÃES.— Parece-lhe?...

PROCURADOR.— Não ha couza mais clara! Cada vez com mais influencia!... As mulheres prendem-se com estas couzas..

Dr. MAGALHÃES.— Quando ellas não querem... E' o diabo!

PROCURADOR.— Historias!.., Mulheres querem sempre... mesmo quando não querem... Todas tem o seu lado fraco.

Dr. MAGALHÃES.— Algumas são mais fortes do que trez homens.

PROCURADOR.— Mas não acontece o mesmo com a Sra. D. Leonor. Aqui p'ra nós — Ella é uma lambiscoia !.. Se fosse a outra... o caso era mais serio! E' um segundo tomo da « Maria da Fonte. » Parece um homem effectivamente. E' pelos módos, não quer que V. S. case com a irman...

Dr. MAGALHÃES.— Porque?

PROCURADOR.— Capricho de mulher!... E' a maior

opposicionista... Póde crel-o. Aquillo é o demonio, não é mulher!... Não devia andar de saias... Vistam-lhe umas calças e verão... E' temivel!..

(*N'este interim deve atravessar a scena uma banda de musica que atè aqui se ouvia ao longe, dando vivas ao partido vencedor. E' seguida por numerosos partidarios....*)

Dr. MAGALHÃES.— Ahi passa a nossa gente!... O enthusiasmo é unanime !.. Prova irrecusavel da nossa influencia e capacidade

PROCURADOR.-— Exactamente. E' como diz.

Dr. MAGALHÃES, (*seguindo o povo com a vista*) .— Dirigem-se para minha casa ! Vamos lá ! E' necessario fazer-lhes uma pequena allocução O povo gosta d'estas representações... Vamos! (*sae, com o procurador*)

SCENA VI

CONDE, (*só*)

(*Entrando, como quem anda observando sem querer ser visto.*)— Enthusiastas ovações!.. Vivas demonstrações de alegria!.. Eu que devia tambem estar possuido d'um vivo contentamento, e.. não estou!.. Em minha casa já não habita esse anjo de santas emoções que outr'ora me fasia viver feliz!.. Minhas filhas! E são ellas que me amarguram a existencia!.. Infeliz do homem que é pai, que depois se acha a sós, velho, desamparado, sem a companheira estremecida, tendo por unica consolação o passado e os desenganos da velhice!.. (*harmonia na orchestra*) (*sentando-se com a cabeça apoiada nas mãos*) Minhas filhas!.. Sagrado penhor que me ficou d'aquella santa que deve estar no ceu!..- Porque me consumis o resto dos dias da minha vida? Bem sei que não tendes culpa das minhas afflicções!.. Tendes necessidade de respirar em outro ambiente onde o vosso coração viva mais ditozo.. A mulher é o anjo tutelar d'aquelle que a escolhe para ser-lhe lenitivo nas tristezas da vida !.. Minhas queridas filhas! Sou desditozo ! (*levantando-se*) Antes que morra hei de cumprir as ultimas palavras de vossa mãe — « Véla de dia e de noute pelo futuro de tuas filhas » — E' necessario que eu cumpra a ultima vontade d'aquella santa — Marianna! Tuas palavras hão de ser fielmente observadas... Descança! (*sae*)

Quadro I

Mutação *(a do primeiro acto)*

SCENA V

JULIA, LEONOR (*sentadas*)

LEONOR, (*censurando*).— Se alguém te vio !.. Se isto chega aos ouvidos de papai!..

JULIA.— Ninguem o sabe!.. Só o Sr. Padre José.. Elle é tão nosso amigo (*mudando*) como havia eu de resistir ao impulso do coração!.. Eu já não posso viver sem elle!... E' impossivel...

LEONOR (*aparte*).— Como ella o ama!.. Desgraçada!.. (*alto, contendo-se*) Então!.. Elle te disse... Que não volta mais a nossa casa... Não é assim?...

JULIA.— Não lhe perguntei. Sei que não volta. Encontrei-o com o Sr. Padre José. A nossa entrevista não podia tornar-se muito longa... nem tão expansiva quanto desejava!... Precisava diser-lhe, e recommendar-lhe tantas cousas... e não lhe disse nada e não lhe recommendei coisa alguma.

LEONOR, (*respirando, aparte*).— Preciso desenganal-a (*alto*) Minha irman! Tu não podes pertencer-lhe... Não deves amar esse homem!...

JULIA, (*como ferida no coração*).— Quem m'o impedirá!... Despedaçarei os obstaculos para a realisação do meu cazamento com elle!...

LEONOR, (*exaltando-se*)—. E' impossivel!...

JULIA, (*batendo o pè*).— Não ha de ser!...

LEONOR.— Queres que te declare? E' impossivel!... Sim! E' impossivel!... porque (*hesita*) eu amo-o primeiro ainda do que tu!... Ha muito que devias saber... pelo menos suspeitar...

JULIA—. E que tenho com isso!... Não tenho igual direito? Não poderei amar a quem eu quizer?... Pensas que já te pertence?... Não sejas criança!... Eu tambem te declaro

que o amo de todo o meu coração e que sou capaz de todos os sacrificios!... Comprehendes?

LEONOR.— Esse rapaz nunca será teu marido!... Não o consentirei!... Pois tu pódes lá amal-o como eu o amo!... Criança!... Sabes o que é amar?...

JULIA.— A criança estouvada, como ainda ha pouco me chamavam, n'esta casa, morreu!... Represento outro papel!... Aquelle que o meu coração ambicionava! O papel d'heroina!... (*mudando*) Minha Leonor! Tem pena de mim!... Bem podias ver que uma mulher, como eu, se uma vez amasse, seria capaz, se não lograr satisfaser o seu amor, de commetter grandes loucuras!...

LEONOR (*despeitada*).— Não queres ceder!..(*voltando-lhe as costas*) Veremos quem vence!... (*sae*)

JULIA (*caindo logo n'uma cadeira*) .— Ah!...

SCENA VI

JULIA, CAPELLÃO

CAPELLÃO (*entrando*) .— Que tem menina? Que foi que lhe deu?

JULIA (*correndô para elle*).— Sr. Padre José!... Valha-me pelo amor de Deus!

CAPELLÃO.— Mas... quetem? Diga-me... O que tem?

JULIA,— Ah! Foi minha irman!

CAPELLÃO.— Que foi que lhe fez sua irman?

JULIA (*ccmdôr*).— Roubou-me o homem que eu amava!...

CAPELLÃO (*aparte*) .— Comprehendo. (*alto*) Não póde ser!...

JULIA.— E' o que lhe digo!... Valha-me em nome de Maria Santissima... Se não olhe qne eu enlouqueço!... Não posso supportar tão grande desgosto!... Ainda agora aqui esteve... Disse-me positivamemte que numca lhe pertencerei!... Que o ama, (*em soluços*) que o adora...

CAPELLÃO.— Socegue. O homem que ama nutre por V. Ex. igual sentimento: elle tambem a ama, de todo o seu coração.

JULIA (*com alegria*).— Será verdade? E' possivel! Oh! meu Deus! Então elle me ama, não é assim?... Disse-lh'o elle mesmo?...

CAPELLÃO.— Disse-me que nunca escolherá outrem que não seja V. Ex. para desposar-se.

JULIA (*em dilirio*) .— Oh!... Não m'o roubarás!... Queres lutar!... Pois lutemos!,.. Não has de vencer!... ja-

mais!... Não faltam homens !... Que escolha outro, não é assim?... Este deve ser meu... Pois não é verdade?

CAPELLÃO (*procurando acalmal-a*) .— Sim, menina; Tem razão ... Elle será um bello espozo e, V. Ex. a mais carinhosa das mulheres. Estou d'isto convencido e, porque o estou creia que serei por si e por elle... Um ministro do « Senhor » deve praticar o « bem » ... Eu, trabalhando pela sua felicidade cumpro a lei de Christo... Ja lhe prometti o que prometto tambem a V. Ex.... A justiça de Deus é recta, esclarecida. E' em nome da justiça de Deus que eu cuidarei do seu enlace com o homem que a ha de faser feliz... A minha consciencia nada terá de que accusar-me porque é pela minha propria consciencia que eu me guio.

JULIA.— Oh! Muito obrigada! E' a alma de minha santa mãe que está no ceu que lhe inspira.

CAPELLÃO.— E' por isso!... E' por saber que V. Ex. é o retrato de sua mãe !... E' porque V. Ex. tem os mesmoe sentimentos que tinha aquella santa!... E' porque tenho a certeza que ella, lá do ceu, approva e pede a Deus—o seu cazamento com Arnaldo de Souza, que é filho de um meu antigo condiscipulo no seminario... E' por tudo isto que eu lhe dou a minha proteção... Tenha fé em Deus. Elle ha de ser por nós. Confie. Tenha fé, tenha esperança!...

JULIA.— Tenho fé nas suas palavras e esperança na sua promessa... Mas, meu pai?...

CAPELLÃO .— Deseja-lhe toda a felicidade. E' pai extremoso... Se lhe recusa o seu assentimento, é porque está persuadido ser um desdouro para esta caza!... Mas... Elle ha de reconhecer a verdade e repellir o erro...

JULIA.— V. Rev^{ma} é meu verdadeiro amigo. Comprehendeu de quanto amor eu era capaz... Que era este o homem destinado por Deus para ser meu marido.

CAPELLÃO (*applicando o ouvido*) .— Sinto passos. Não é conveniente que nos vejam a sós. Acho bom que retire-se. Fallaremos depois mais detidamente.

SCENA VII

CAPELLÃO, CONDE

CONDE (*entrando*) .— Sr. Padre José!...

CAPELLÃO.— Sr. Conde!... Procurava V. Ex.

CONDE.— A's ordens. Podemos sentar-nos. (*sentam-se*) Que ha de novo?

CAPELLÃO.—Eu procuro fallar-lhe a respeito de certos negocios que têm, ultimamente, promovido duras recriminações entre os membros d'esta casa,onde sempre tem reinado a mais cordial harmonia!... Resolvi apresentar-lhe, respeitozamente, o meu alvitre.

CONDE.— Póde fallar.

CAPELLÃO,— A affeição que me prende a esta casa data de ha muitos annos... Logo depois d'ordenado. fui pelo fallecido sogro de V. Ex. que residia em Fareja, indigitado para seu Capellão de quem aliás tenho recebido sempre estima e consideração.

CONDE.— E' porque a tem merecido.

CAPELLÃO (*agradecendo*) .— Julgo haver prevenido recriminações, menos benevolas, acerca da minha interferencia... No caso de que a minha opinião seja bem acceita muito prazer me porporcionarà, mas, se acontecer o contrario, terei de lastimar a desventura que está prestes a desabar sobre a casa de V. Ex., buscarei lenitivo do meu pezar no santuario da consciencia por haver cumprido o que julgo essencialmente do meu dever... Sr. Conde! De todas as couzas graves, o cazamento é uma, se não, a mais grave de todas!... Do enlace de dous entes que se unem por toda a vida, decorre o bem estar, ou os infortunios interminaveis para os que, levianamente, trataram o passo mais melindroso da vida, com a sem cerimonia, com que se tratam as couzas de somenos importancia. V. Ex. não deixará de ser da mesma opinião.

CONDE.— Eu creio que o cazamento é o passo mais melindroso da vida por ser d'elle que decorrem todas as ruins consequencias que podem desviar uma « geração » de seus nobres destinos!...

CAPELLÃO (*proseguindo*).— V. Ex. tem sido apoquentado para ceder a mão de sua filha, a esse Dr. Magalhães que apezar de todo o seu valimento, alta categoria, tido por um grande advogado, ex-presidente da camara, eleito deputado etc... Desculpe Sr. Conde—a pezar de tudo que elle é... e possa ainda ser... Eu não dou cinco réis pela sua dignidade...

CONDE (*despeitado*) .— O Sr. Padre José esquece-se que o Dr. Magalhães é um dos meus amigos dedicados... Não sei realmente a que attribuir o seu juizo, aliás pouco benevolo a respeito de uma pessoa que estimo e que respeito ...

CAPELLÃO.— Os motivos que tenho, consinta-me reserval os no intimo da consciencia: Não serei o primeiro a ma

nifestal-os!... Não o devo fazer!... A verdade é como a polvora... Em vão tentamos comprimil-a... Apenas a toca uma faúla, por pequena que seja, faz explosão!... E' o que ha de irremediavelmente succeder! Sr. Conde! Com o tempo verá que as minhas palavras são o vivo reflexo da sinceridade com que me animo a estar na sua presença. Em quanto a uma das filhas de V. Ex., da Exma. Sra D. Julia, no caso de aceitar-me por fiador, (consinta que eu tome sobre mim esta responsabilidade) Aceita o seu cazamento com Arnaldo de Souza Guimarães?...

CONDE.— Não Sr! Não aceito! Muito me admiro que o Sr Padre José me faça similhante proposta!...

CAPELLÃO.— Peço a V. Ex. um obsequi.

CONDE (*enfadado*).— Diga.

CAPELLÃO,— Que pése as consequencias da recusa!.. Que estude a causa com vagar... Observe-a, Sr. Conde, meça-lhe as attenuantes... Depois julgue-a no tribunal da consciencia...

CONDE (*pouco caso*) .— Pois sim, sim... Hei de cuidar n'isso. Deseja alguma couza mais?

CAPELLÃO .— Nada mais tenho a pedir, por agora, a V. Ex. (*saem, cada um por seu lado*)

SCENA VIII

JULIA (*só*)

JULIA (*entrando a passos lentos, pallida, desfigurada*) .— Que martyrio!... Meu Deus!... Amar o mesmo homem!... Cruel!... Que me feriste!... Mataste-me os meus sonhos mais dilectos!... Desfolhaste a minha grinalda de felicidade; fizeste murchar as flores de minhas douradas esperanças!... Desgraçada!... (*Harmonia na orchestra*) E se eu luctar!... Sim!... Se eu quiser que succumbas!... Quem vencerá!... Eu!... Porque sou a mulher a quem elle ama!... A escolhida do seu coração!... A estrella que o illumina!... O sol que o aquece!... Se o soubesses!... Mas não!... Apenas o suspeitas!... E' por isso que em mim recresce a compaixão de que és digna!... Afinal és minha irman!... Sempre tens sido para mim uma segunda mãe, que me dirigio, que me encaminhou pelas veredas da vida!... Mas porque te mudastes no mais inplacavel dos meus inimigos?... Comprehendo!... Confessa a tua malignidade!... Confessa que me queres matar!... Para ficares só ao lado d'elle!... D'elle!... Que eu

adoro!... porque eu dei-lhe a minha vida!... Sem elle!... De que me vale!... Para que me serve!... Eu te perdôo!... (*em pranto)* Se soubesses como era tua amiga!... Jesus Christo tambem foi cruxificado pelos que mais amava!... Alivia-me do pezo que me consome! Mata-me!... E, não te suspendes!... Queres roubar-me a vida, roubando-me o homem que amo!... (*pausa*) Se eu tivésse coragem!... Ficarias livre de mim... (*concentra-se por momentos*) Has de ser feliz!... (*dá uma gorgalhada convulsa de desespero*) Ah! ah! ah!... Muito feliz!... Ah!... ah!... ah!... (*sae*)

SCENA IX

LEONOR, depois PROCURADOR, Dr. MAGALHÃES (*ao fundo)*

LEONOR (*entrando*).— Como ella padece!... (*assentando-se, escondendo o rosto, em soluços)* E' minha irman!...

PROCURADOR (*da porta)* .— O Conde ficou satisfeito!... Agora valha-se da sua habilidade!... Não perca o ensejo!... Atire-lhe com o chumbo todo!... (*sae*)

SECENA X

LEONOR, Dr. MAGALHÃES

Dr. MAGALHÃES (*aparte*).— Medita!... (*alto*) Dá licença?...

LEONOR (*como acordando, contrafasendo-se*).— Pois não!... Sr. Doutor...

Dr. MAGALHÃES (*aproximando-se*).— A cor de V. Ex, como que revéla um estado melhor...

LEONOR.— Deve sér febre!... Sinto a cabeça n'um vulcão!...

Dr. MAGALHÃES.— Mas porque se aflige tanto!... Não vejo motivos... Porque não me diz os seus soffrimentos?...

LEONOR.— Impossivel!...

Dr. MAGALHÃES.— Razão de mais para que viya menos desgostosa. E' costume diser-se: o que não tem remedio remediado está!...

LEONOR (*incommodando-se*) V. S. augmenta os meus soffrimentos!... Pois não assiste-me o direito de occultal-os?...

Dr. MAGALHÃES.— Não lhe contesto tal direito!... E' inauferivel!... V. Ex. não deve interpretar as minhas palavras, se não como demonstração de que realmente me interesso pela sua felicidade!..,

LEONOR.— Agradeço-lhe. Porém, deixe-me pelo amor de Deus!... Bem enlutado trago o coração!... Bem amar-

gurada está a minha vida, para que possa lhe responder com a necessaria calma. Deixe-me!... Acabemos com estes galanteos... Nem eu, nem V. S. aproveitará com elles... O mundo olha com indifferença para estas dores (*levando a mão ao coração*) E eu já não quero mais nada do mundo!... Está tudo acabado!...

Dr. MAGALHÃES.— Minha Senhora!... Procure o thalamo conjugal!... Procure as doçuras da familia!... E' uma lei, cuja transgressão, importa, irremissivelmente o estado lastimoso a que V. Ex. chegou. Ainda uma vez: Tome um novo estado.

LEONOR (*contrariada*) .— V. S. Esta-me fazendo mál, cada vez mais!... Desculpe-me diser-lh'o.

Dr MAGALHÃES.— Acabemos com estes «galanteos» como V. Ex. os designou... Tenho consentimento de seu pai para effectuar-se o nosso consorcio... Dou por ultimadas as minhas declarações... Só espero a resposta decisiva de V. Ex... Será para mim suprema ventura... (*tentando beijar-lhe a mão, ella recusa-lh'a*) Eu amo-a loucamente, minha Senhora!.,.

LEONOR (*levantando-se*) .— Sr. Doutor!... Ha muito que lhe dei um desengano!..· Mas já que insiste, tenha paciencia!... Ha de ouvir-me!... Nunca o amei!... Nunca tinha de o amar !... Tratava-o com a consideração com que costumamos tratar as pessoas que nos honram em nossa casa... Não desejo tomar novo estado com pessoa alguma. O homem, unico, que eu amava, que me devia fazer feliz, pertence a outrem, porquem estou determinada a sacrificar-me!... Brevemente terei entrado no recolhimento das Capuchas... Estão lá muitas senhoras... Algumas minhas amigas da infancia... Tudo morreu para mim!...Tudo perdi!... Desde que vi fugir toda a esperança de unir-me ao unico homem que amava!... (*leva o lenço aos olhos*)

Dr. MAGAHLÃES (*cynicàmente*) .— V. Ex. comprehende as cousas mal !... Se, como diz, perdeu de todo a esperança d'unir-se ao homem, que amava, razão de mais para que não deixe de aceitar os meus offerecimentos!... Se, V. Ex. me não ama, como amava, esse outro... pouco importa!... O amor, o verdadeiro amor vem depois do cazamento... Não é uma opinião, são os factos que o demonstram.

LEONOR (*devéras contrariada*) .— E' demais!... Sr. Dr.!... Tenho-o ouvido em silencio... Mas tenho o desespero no coração!... E ainda insiste!...

Dr. MAGALHÃES.— Vejo, minha senhora, que esta nossa confidencia vai resvalando para um terreno um pouco milindrozo! Bem improprio de duas pessoas de educação. V. Ex. de certo não se lembra a quem está aqui, ha uma hora, dirigindo, sem inrerrupção, as mais terriveis invectivas!...

LEONOR.— Quem é o culpado! V. S. é que me está fortemente incommodando com as suas malcabidas advertencias!...

Dr. MAGALHÃES (*revelando-se tal qual é*). — D'ora em diante não procurarei mais incommodal-a com as minhas « malcabidas advertencias » ... V. Ex. empunhou a arma do insulto!... Trema da minha vingança!... Pensou que fallava com algum escudeiro? Sou o Doutor Antonio Ribeiro de Magalhães, advogado, e já eleito deputado... Valho alguma couza... Ninguem mais do que V. Ex. lhe ha de medir o valimento... Eu lh'o juro!...

LEONOR.— Ameaça-me?...

Dr. MAGALHÃES (*com verdadeiro rancor*).— Ameaço-a!.. com a perda total da sua legitima!... Com a ruina da sua casa que se acha em litigio... Ameaço-a! Porque possúo força e poder bastante para reduzil-a á pobreza!...

LEONOR (*dá um passo á frente como querendo desafrontar-se. Logo depois, recúa aterrorisada caindo n'uma cadeira*) — Que homem infame!!!...

SCENA XI

OS MESMOS, JULIA

JULIA (*entrando e collocando-se arrogantemente em frente do Dr.*).— Homem perverso!... Miseravel!... Não has de realizar teus infames designios!... Tomo a vingança de minha irman!...

Dr. MAGALHÃES (*aparte, cheio de rancor*).— Oh!... Tambem ella!... (*sae*)

SCENA XII

JULIA, LEONOR

LEONOR (*abraçando a irman*) Julinha!...

JULIA (*dirigindo um olhar chammejante para a porta por onde sahio o Dr., apontando*).— Os homens!... E dizem... Que somos vingativas!... Ah! ah! ah! Coitados!!...

FIM DO TERCEIRO ACTO

Acto quarto

A mesma decoração do primeiro acto

SCENA I

João (*só*)

Macacos me mordam se os entendo!... Até agora era a Sra D. Leonor que andava com a aza caida... sorumbatica que era um louvar a Deus... Agora anda assim se não anda peior a Sra. D. Julia... Não teem que ver!... Entrou o diabo n'esta casa!,..

SCENA II

O Mesmo, Dr. Magalhães

Dr. Magalhães.— (*entrando, arrogante*) João ... Como vais?...

João.— O' meu Senhor!... Vai a gente por aqui, consoante Deus é servido.

Dr. Magalhães.— O Sr. Conde?...

João.— Ainda ha pouco estava na sala de dentro... Eu vou lhe dar parte...

Dr. Magalhães.— Vou eu mesmo. Estará ainda por lá?

João.— Ainda agora lá s'tava, meu senhor.

Dr. Magalhães (*voltando*) —. Olha lá!... Se o Domingos procurar-me dize-lhe que me espere lá embaixo, no pateo. Não te esqueças.

João.— Sim, Sr. Dr. Esteja descançado. (*o Dr. sae*)

SCENA III

João (*só*)

Este homem anda com ella ferrada!... As meninas... não morrem d'amores por elle!... O Sr. Capellão tambem não!... E' de s'tranhar!... Aquella alminha não quer mal a uma mosca!... O Sr Conde é que lhe presta alguma *aquella*... Deve ser por via da politica... Pertencem á mesma panella!... Os politicos são uns comediantes... Viram-se do avêsso em quanto o diabo enfia uma agulha.

SCENA IV

O MESMO, JULIA

JULIA (*entraudo*).— Quem entrou?...
JOÃO.— O Sr. Dr. Magalhães.
JULIA (*sentando-se*).— Miseravel !...
JOÃO (*aparte*) .— *O hcminho* s'ta mal!... Se esta se bóta a elle lá vai tudo quanto Marta fiou!... Sai d'aqui a toque de caixa!...
JULIA (*com curiosidade*) .— Recommendou-te alguma cousa?...
JOÃO.— Minha Snra! Elle me recommendou qne se o Sr. Domingos o procurasse qne eu lhe dissesse que o esperava lá em baixo, no pateo.
JULIA (*aparte*) .— Comprehendo! E' nosso procurador!... Que refinado tratante!... disfarçado n'um cordeiro! (*para o criado*) Pode retirar-se, João.

SCENA V

JULIA (*só*)

Fatal palacio!... Debaixo de toda esta grandeza não me deixei dominar pelos teus esplendores!... A nobreza nunca me illudio!... No meu coração persistem os indeleveis sentimentos que animam os obreiros do seculo!... A liberdade!... Oh! Santa liberdade!... Has de assentar o predominio da tua influencia benéfica, e humanitaria!... Proclamas a realeza do Genio!... Que atrevéz das gerações extinctas, surge, como Antêo do dominio do passado, que te prendia com mão de ferro, para erguer-te, coberta de luz, sobre as ondas das modernas gerações!... Eu te saudo, divina democracia, porque appareceste, radiante e bella, sobre as rochas do Calvario !...

SCENA VI

JULIA, CAPELLÃO

CAPELLÃO (*entrando*) .— Que enthusiasmo!... Folgo de vêl-a!... Ora pois. A alegria é o antidoto mais poderoso para curar as infermidades do amor.
JULIA.— Eu não estou alegre, nem triste !... Estava estudando um bocado de philosophia...
CAPELLÃO (*olhando em roda*) Philosophia... Onde está o livro ?

JULIA.— No meu coração.

CAPELLÃO.— Minha Senhora.... Philosophia não se estuda pelo coração; é com o raciocinio... São cousas diversas.

JULIA.— Mas, Sr. Padre José!... Esta palavra disem ser — *amor da sabedoria* — e, nascendo o amor do coração é claro que existe antes no coração do que na cabeça...

CAPELLÃO.— V. Ex. Confunde-se!... O coração tem gran de predominio, não ha duvida, porem, são as faculdades intellectuaes que dominam o coração que, apenas fornece o limitado auxilio para esse conjunto d'impressões elaboradas no cerebro d'onde partem certos fios condutores que são a causa dos nossos sentimentos, das nossas affeições e até dos nossos raciocinios. .

JULIA.— Porem, não se criam obras de verdadeiro merito sem que o amor não tenha sido o incentivo mais poderoso.

CAPELLÃO.— Sim!... O amor é um principio da vida universal!... E' pelo amor que o homem chega aos mais aperfeiçoados commetimentos, ramificados em suas manifestações... E' confórme.

JULIA.— Sr. Padre José! Como vão os nossos negocios?

CAPELLÃO.— Regularmente.

JULIA.— Meu pai sempre virá a ceder á sua benefica influencia?...

CAPELLÃO.— Não lhe perdi a esperança.

JULIA (*com tristeza*).— Eu não desejo sacrificar minha irman.

CAPELLÃO.— Desiste... Não é assim?...

JULIA.— Eu lhe digo... parece-me... Olhe! Eu vou fallar-lhe com franqueza... parece-me que este cazamento será... talvez a causa da desventura de Leonor, (*chorando*) e, eu não quero ficar com o remorso de haver sido a causa da sua desdita.

CAPELLÃO.— (*aparte*) Alma generosa!... (*alto*) Minha filha! Os seus sentimentos são de uma alma como a recomenda o divino Mestre!... São as qualidades de uma santa. Nunca me engano!... Sempre me pareceu que sob a apparencia de uma louquinha... existiam thesouros d'inesgotavel apreço, que são os que deveriam encaminhar todos, ricos, nobres e plebeus, pelas veredas da vida.

JULIA.— Parece-lhe que faço bem. Não é assim?

CAPELLÃO.— E' assim que todos deviamos fazer! (*aparte*) Não has de realizar o teu ingente e penoso sacrificio.

(*erguendo os olhos)* Confio em vós, meu Deus !... Ajudai-me a levar esta cruz até ao cimo do Calvario (*alto*) Minha filha!... Eu vou pedir ao Senhor que não vos desampare! Pedi tambem a Maria Santissima que seja comnosco (*vai saindo e dá de frente com Arnaldo de* Sonza)-

SCENA VII

Os Mesmos, Arnaldo

Capellão (*satisfeito, apertando-lhe a mão*) .— Seja bem apparecido !...

Julia (*com alegria*) .— Que felicidade !...

Arnaldo.— Um dos maiores sacrificios da minha vida!...

Capellão (*comvidando-o a sentar-se*) .— Bem vê que era preciso.

Arnaldo.— V. Rev^{ma}. sabe que obedeço-lhe como obedeceria a meu pai.

Capellão.— Para grandes males!... grandes remedios! (*indo a uma meza na qual deve estar uma campainha*) Preciso saber se o Sr· Conde está no palacio.

Arnaldo.— Não deve estar. Encontrei-o ainda agora na casa da Camara. A sessão prolonga-se. Trata-se de uma arguição que a junta de Districto dirigio á Camara sobre o ramal d'uma estrada que o Dr. Magalhães quiz que tomasse uma directriz opposta ao parecer da junta. O engenheiro em chefe foi fortemente increpado pelo governo. Consta até que já está suspenso.

Capellão (*aparte, tornando a sentar-se*) .— Começam a realisar-se as minhas prophecias.

Arnaldo (*continuando*) .— Este homem tem procurado, por todos os meios, malbaratar-me a reputação!... Hontem, n'um jornal do seu partido, fallava-se allusivamente, no meu nome... procurava-se n'um artigo insolente onde saltava o ridiculo em toda a sua hediondez, patentear, e fazer persuadir o publico que eu mantinha relações amorózas com alguem d'esta casa...

Julia (*surprendida*) .— Ah !...

Arnaldo.— Socegue. Não se declinou o nome de V. Ex.... Dava-se a entender que era com sua irman, com a Exma. Sra. D. Leonor.

Julia (*indignada)* .— Calumnia !...

Arnaldo.— Mais: um livro que dei á publicidade começou a ser fortemente atacado... Não por meio d'uma

critica nobre, elevada e independente que indica o que ha, ou póde haver, ahi, de menos plausivel; mas, por meio d'ma verrina insultuosa, infamante!... Deram-lhe o nome de farça!... Emtretanto, o fim a que tendem essas paginas é encaminhar a sociedade peta Justiça, dando á Humanidade um corpo de que devemos ser solidarios!... E' pregar no deserto!... Os homens parecem cada vez mais cégos, mais egoistas!... Os que se entregam ao apostolado da inpremsa, que juraram bandeira n'esta crusada civilisadora, vão, apenas, preparando o terreno, em que têm de germinar, no futuro, as doutrinas de Hugo, Michelet, Castelar, Latino Coelho e outros.

CAPELLÃO.— Sempre lamentei a sorte dos escriptores!... Dá-se com elles o que não se vê nas demais classes... Vêmos o commerciante coadjuvar o outro em seus negocios, relacionarem-se, conviverem, isentos d'essa baixa emulação que avilta, que rebaixa... Vemos o artista, o empregado publico, darem-se, serem amigos... Entre os homens de lettras, a inveja, a calumnia, o cynismo, a torpe degradação!... Oh! E bem triste a sorte do homem que uma vez, transpoz o portico das lettras!... Infelizmente, espera-o ahi a sentença lavrada por aquelles que deveriam, mais que ninguem, coadjaval-o!... Em vez disso porem atravancam-lhe o caminho, e, fazem-n'o passar pelos mais amargos dissabores!...

JULIA (*para Arnaldo*).— E, porque não ha de desmascarar esses infames detractores!... porque os não leva ao pelourinho da desconsideração publica?

ARNALDO.— Deixal-os, minha senhora!... A calumnia e a depravação têm o seu reinado!... A reacção ha de vir!... E' uma lei infallivel!... E' assim a vida: mar encapellado, procellozo, sereno e pacifico... A Justiça não se impõe apparece, como a estrella da manhã, rompendo a cerração da noute.

JULIA.— Isto faz-me morrer d'indignação!...

CAPELLÃO.— E' preciso não ter o coração ao pé da bocca. Disse muito bem o Sr. Arnaldo de Souza!.. Tudo tem a sua occasião. Confiemos em Deus, e no triumpho do bem sobre o mal!... Se mais hoje, ou mais amanhã assim não acontecesse, eu seria o primeiro a descrer da sua omnisciencia!... Estudando-se os factos, analysando-se em suas multiplices manifestações; considerando-se depois, conglubados, em synthese, vê-se, claramente, que o mál

é o peior inimigo do homem; do ser individual, como do collectivo...—« O premio da virtude é a propria virtude, o castigo do mal o proprio mal »— Esta sentença é tida como uma verdade até pelos materealistas...

ARNALDO.— Exactamente... Até os que se regulam só pela experiencia; até os que commungam na eschola de Comte, Littré, Lamarck, Bukener, etc. apezar de todo seu cortejo de analyzes rigorozas, de uma observação paciente e aturada, até estes, não podem negar a benefica influencia da virtude sobre o vicio, da dignidade sobre a depravação, do Bem sobre o mal!... Tal deve ser o futuro da sociedade.

CAPELLÃO.— Mas, quando será ?...

ARNALDO.— Quando os homens começarem a ser verdadeiramente humanitarios.

JULIA (*mettendo-se)* .— Sempre ouvi diser « o que a natureza dá só a cova o tira. » O homem—salvo honrosas exepções—será sempre uma creatura maligna que deseja a destruição do similhante... só pelo prazer... de o destruir !...

ARNALDO.— Ainda ha, almas generosas, minha senhora. A justiça e o amor humanitario, ainda têm fervorosos crentes.

JULIA.— Para lhes darem, depois que morrem—algumas pennadas... de tinta!..

ARNALDO (*sorrindo-se*) V. Ex. é por demais sevéra...

CAPELLÃO.— E' precizo mais tolerancia e mais resignação.

ARNALDO (*levantaudo-se*) .— Tenho necessidade de ir á typographia. Desculpem-me. Mais do que nunca não me é permittido um momento de descanso!... A lucta está travada!... A guerra que me fazem é acintosa!... E os trabalhos do espirito requerem toda a força, toda energia para não serem desfeitos pelos apostolos do mal, pelos pigmeos da sciencia!... Procuram a destruição porque sabem que só podem suster-se sobre ruinas!...

JULIA.— Todo o meu praser é vel-o sobresahir sobre esses truões ridiculos que não comprehendem a dignidade e que tripudiam com a maior audacia, no terreno do insulto e da sandice !...

ARNALDO.— As palavras de V. Ex. são o mais poderoso influxo, o mais forte incentivo contra os meus de-

tractores (*apertando-lhe a mão*) minha senhora... Sr. Padre José...

CAPELLÃO (*á porta*) Recommendo-lhe toda a prudencia. Só não a deverá ter quando o impossivel collocar-se na sua frente...

ARNADO.— Minha senhora... (*sae*)

SCENA VIII

JULIA, CAPELLÃO

CAPELLÃO (*em attitude de sair*).— Menina!... De-me as suas ordens.

JULIA.— Eu é que as devo receber de V. Revma...

CAPELLÃO.— Desejo-lhe a felicidade... Hei de trabalhar para isso.

JULIA (*beijando-lhe a mão*).— Obrigada, Sr. Padre José. Eu sempre o tive por meu amigo. A confiança que sempre tive em V. Revma. não se desmentio... Como presentia assim está succedendo.

CAPELLÃO.— Ainda bem. Retiro-me para o meu logar.

JULIA, Não era necessario prevenir-me...

CAPELLÃO (*respeitosamente*).— Minha senhora!...

JULIA (*á porta*) Até logo, Sr. Padre José.

SCENA IX

JULIA, ENGRACIA

ENGRACIA (*entrando*) — V. Ex. *estaba* aqui!... Desculpe minha senhora!... Eu *procuraba* o Sr. Capellão!... Pedio-me alli a *bisinha* para a confessar... E' um confessor que não tem parelha!... Olhe que o é!...

JULIA.— Meu pai, onde esta?

ENGRACIA.— Chegou n'este instantinho, minha senhora.

JULIA,— E minha irman?

ENGRACIA.— Ainda hoje não *bio* a luz do dia!.. Disse-me ha pouco que lhe *lebasse* o chá ao quarto. Não come nada!... Aquillo foi praga qu elhe deu!... Uma couza assim!... Credo! Santo nome de Jesus!... Em antes de comer o nadita... perguntou-me se V. Ex. *andaba* mais contente... Mas qual!... V. Ex. tambem já não me parece quem era!... De repente *birou* para uma tristeza tamanha!... Credo!... Santo nome de Maria!... Acredite S. Ex.!... Olhe que isto afflige-me que não faz idéa!... E *antão*, a senhora D. *Lianor*

coitadinha!... E' um anjinho de *bundade*... Disse-me com as lagrimas a correrer-lhe em cachão... minha senhora. Tanto gosto tinha de *ber* minha irman feliz!... E, Engracia nem ella!... Nem eu!... Fosse eu a só padecer!...

JULIA.— Vou vel-a!... Que não vá estar doente!... (*sae*)

SCENA X

ENGRACIA (*só*)

Cada qual mais amiga!... Uma amisade assim!.. Nunca *bi*!... O que uma quer... a outra quer!... O que uma não quer... a outra não quer!... Parecem duas almas n'um corpo!... Deus as criou!... Nossa senhora as unio!... Mas uma cousa assim!... Ha um tempo para cá parece que andam assim a modo de gente penada... que traz a alminha de quem não satisfez a promessa!... Se o Sr. Capellão não cuida de concertar estes negocios... Não sei onde isto irá parar!... (*sae*)

SCENA XI

JULIA, CONDE

JULIA (*entrando, com lagrimas na voz*) E' de mais!... (*em soluços, deixando-se cair n'uma cadeira*) Minha pobre Leonor!...

CONDE (*entrando*).— Que tens, minha filha?

JULIA.— E' V. Ex. que me faz soffrer!...

CONDE.— Doi-te a cabeça, não é verdade?

JULIA (*erguendo-se, nervosa*).— Não me doe a cabeça, não senhor!... Doe-me o coração por o ver tão barbaramente maltratar minha irman!...

CONDE (*com força*).— Sou eu quem a maltrato?

JULIA.— Pois quem é? Se não V. Ex.! Que a quer obrigar a unir-se a um homem, que ella não ama.

CONDE.— Não sei se o ama! Ora é boa!... Nem quero saber!... Convem-lhe!... A minha obrigação é cuidar na vossa felicidade, e não deixar-me levar.. pelas vossas cantigas...

JULIA.— V. Ex. bem sabe que isto são cousas que não se impoem, não se obrigam!... Só a mesma pessoa, é a unica, exclusivamente, que pode saber o que lhe convem, ou deixa de convir. —Nem todos encaram a felicidade do mesmo modo: o que para uns o pode ser, deixa de o

ser para outros... E' conforme os gostos, as tendencias de cada um...

CONDE (*enfadado*) .— Não tenho nada com isso!... Ora é boa!... Dei a minha palavra!... estou compromettido!... E até agora não consta que os nobres d'esta casa faltassem alguma vez á sua palavra!..

JULIA (*á parte*).— Meu Deus!... Como hei de eu salval-a!.. (*occorrendo-lhe subitamente uma idea*) Ah!... Meu pai!.... V. Ex. vai fazer-me um favor. E' sua filha quem l'ho pede. Estou certa que não m'o recusará!...

CONDE (*mais calmo*) .— O que é?

JULIA.— Peço-lhe encarecidamente que me proponha ao Sr. Dr. Magalhães!... Salve minha irman!... Eu tenho certeza que ella não o ama!... Detesta-o!... Creia que o detesta!....

CONDE (*considerando*) .— E, se elle annuir... tu não o detestas... Não é verdade?

JULIA.— Eu não detesto ninguem, meu pai.

CONDE.— A tua resolução é... inadiavel?

JULIA.— E' sim, senhor!... (*á parte*) Morra eu de desgosto!... Mas, salvo-a!...

CONDE (*desconfiado*) .— N'esse caso...

JULIA.— Deve dar-me uma resposta decisiva... Um desengano, que é para eu saber... Pois não é assim?

CONDE.— Elle me dirá se acceita ou não, a proposta. E, salva-se assim a honra d'esta casa.

JULIA (*com ironia*) .— Como dizia Francisco 1º « perca-se tudo menos a honra »

CONDE — Exactamente. E' como eu penso.

JULIA.— Agora que está tudo... temporariamente (*á parte*) Não! Vou mal!... (*alto*) Agora que está tudo remediado, retiro-me... (*beija-lhe a mão*)

CONDE.— Deus te abençoe, minha filha.

SCENA XII

CONDE.— *só, sentando-se*)

Minhas filhas!... Eu só almejo a vossa felicidade!... A minha palavra!... Demais!... Elle convem... E' homem d'alguns teres e de representação social!... Subindo!... Cada vêz mais!... Está decidido!... Uma ou outra ha de casar com elle!... (*sae*)

SCENA XIII

PROCURADOR *(só, entrando como quem anda procurando alguem)*

Havia de diser que ainda agora aqui estava!... (*olhando em roda*) Os diabos o levem!... As couzas não estão boas!... Corre a galga de que o homem foi accusado pelo governo... a respeito de um conluio em que andava mettido... Negocios!... (*gesto do verbo surripio*) O ministerio segundo corre está em crise... A roda quer desandar... Vinte e cinco libras já cá estão, por conta... Se elle a não levar... a culpa não é minha... Fiz o que pude... Não sou mais obrigado. A pena que tenho é se não posso apanhar-lhe mais algumas... Fazia-me cá uma certa conta.

SCENA XIV

O MESMO, ARNALDO

ARNALDO (*entrando*.— Disseram-me que achava aqui o Sr. Conde,

PROCURADOR.— Quem está agora aqui é este seu criado.

ARNALDO.— Tenho com isso grande prazer. Não é com o Sr. precisamente que tenho de fallar.

PROCURADOR.— Pois olhe é pena... — V. S. é amavel.

ARNALDO.— Parece-lhe?

PROCURADOR.— Não me parece. Tenho certeza do que lhe estou dizendo.

ARNALDO.— Sabe mais do que eu.

PROCURADOR.— E' provavel.

ARNALDO.— Como não desejo, por agora, orientar-me acerca das minhas proprias amabilidades— faça favor de ir dar parte ao Sr. Conde que deseja fallar-lhe Arnaldo de Souza Guimarães.

PROCURADOR.— Tomo a liberdade de lhe fazer sentir que não estou, n'esta casa, encarregado de annunciar visitas. E' mais nobre a minha occupação.

ARNALDO.— Ignorava... Desculpe.

PROCURADOR.— O Sr. mostra ser ignorante.

ARNALDO.— Ao pé de eminencias como a sua... E' possivel.

PROCURADOR.— Insolente!

ARNALDO.— Não desejo atural-o, meu amigo. Passe bem. (*sae*).

PROCURADOR.— Anda por aqui este troca-tintas a cheirar... nem eu sei o quê!

SCENA XV

O MESMO, ENGRACIA

PROCURADOR.— O' tia Engracia. Como vae?

ENGRACIA.— Ah! Sr. Domingos. *Bae* a gente por aqui meio tem-te, não caias...

PROCURADOR.— Hão de ser effeitos... do novo.

ENGRACIA.— Ainda este anno lhe não puz o bico.

PROCURADOR.— Faz bem, tia Engracia... Vá indo com o velho... que não vai mal... (*mudando de tom*) O' tia Engracia... diga-me uma coiza.

ENGRACIA.— Se a souber...

PROCURADOR.— Ora se a sabe. Ninguem melhor do que Vmc. A filha mais velha, a Snra. D. Leonor está melhor?

ENGRACIA.— Está na mesma, Sr. Domingos. Ulti mamente descambou para uma tristeza que é um *loubar* a Deus.

PROCURADOR (*com hypocrisia*).—Coitadinha... E' pena.

ENGRACIA.— E. Lá isso é. E *antão*, como ella quer bem a outra menina! Olhe que a mãe, se fosse *biba*... não lhe queria mais.

PROCURADOR.— E' provavel.

ENGRACIA.— Ainda ha pouco as *bi* a chorar uma junto da outra. Parecia que *cortaba* o coração. Pelos modos, ali anda dente de coelho, Sr. Domingos.

PROCURADOR (*á parte*).— Vai se chegando. (*alto*) Mas, tia Engracia... que lhe parece? Sabe alguma cousa a respeito?...

ENGRACIA.— Não tenho por costume dar... á lingua. Bem o sabe!... Parece-me que aquellas penas, são, por *bia* d'ellas gostarem do mesmo homem.

PROCURADOR (*fingindo-se tolo*).-- Isso será verdade?

ENGRACIA.— Olhe que o é. Eu não me importo com a *bida* alheia. Bem o sabe. Mas, pode-se diser que ambas estão n'uma entaladélla.

PROCURADOR.— Pois parece lhe...

ENGRACIA.— Eu cá não sou de caixas encouradas.

O caso é este: — Um rapaz que *bem* por aqui — e, que disem ser *s'crebente*... Elle é uma cousa assim — gósta da Snra. D. Julia. Ella, pelos módos, tambem não desgosta d'elle. Ora pois! Ninguem os pode criminar... pois não é assim?

PROCURADOR.— Ninguem os pode criminar... é verdade.

ENGRACIA.— Como eu ia disendo... A Sra. D. Julia... dá o *cabaquinho* por elle!... Mas, o résto? Olhe que uma couza assim!... Parece que foi engendrada pelo demonio!... (*benzendo-se*) *Nome do Padre do Filho.*

PROCURADOR.— Tia Engracia!... Vmce. ainda não me disse o reverso...

ENGRACIA.— Não é *berso* não Sr.!... E' assim á modo d'um entremez!... Vmce. não tem por costume dar com a lingua nos dentes... Isto fica entre nós... A irman, a Sr. D. *Lianor* queria abocal-o... percebe? D'ahi é que *bem* estas couzas que fazem ficar a gente varada!...

PROCURADOR.— Ainda não comprehendi!... Explique-se tia Engracia.

ENGRACIA.— Vmce. parece que se está a fazer desentendido!... O' *home*!... Quer que lhe diga a ultima, não é assim?... Eu não me importo com a *bida* alheia, mas, como Vmce. é um bom *home*, e como ainda me pode *serbir*... Eu lhe digo... Note bem. Olhe que é a ultima!... Para o bom entendedor meia *palabra* bonda.

PROCURADOR.— Vamos! Avie-se! tia Engracia.

ENGRACIA.— Ambas as meninas gostam do mesmo *home*. Entendeu Vmce? Ora muito bem! Uma d'ellas tem de ficar sem elle!... Percebeu? A Sra. D. Julia, que é d'aque elle mais gosta, já o não pretende.. Não sei se Vmce. me está percebendo?...

PROCURADOR.— A couza está assim um tanto esdruxula pois se ella o ama, como é que já o não pretende?!... Não póde ser!...

ENGRACIA.— E' por *bia* da outra! O' *home*! Vmce. tambem!... E' porque não quér causar damno á irman... Entendeu Vmce?

PROCURADOR.— Agora já vou entendendo.

ENGRACIA.— De maneiras que aqui das duas uma... Ou, o *hominho* tem de se partir.. Isto não póde ser!... porque *antão ficabam* ambas de duas, a *ber nabios*!... Ou uma d'ellas tem de se *arresignar*, e deixal-o em santa paz...

Bou-me lá Sr. Domingos ! Tenho muito que fazer !... Tenho de rezar uma *crouinha* a nossa Sra. do Carmo, e outra a S. Geraldo para que nos *libre* de más tentações... (*sae*)

SCENA XVI

PORCURADOR (*só*)

Bem digo eu !... As couzas não estão boas !... (*applicando o ouvido*) Alguem se aproxima !... Ha de ser aquella besta do Capellão !... Conheço-o pela andadura !... (*sae*)

SCENA XVII

CAPELLÃO, LEONOR

LEONOR (*entrando*).— Nunca consentirei em similhante sacrificio !...

CAPELLÃO.— Que quer V. Ex. !... Desistio completamente !... E o peior é que pedio ao Sr. Conde para lhe fallar !...

LEONOR (*como ferida no coração*).— Minha irman !... Ella ! que o aborrrece !... Oh ! Não !... Eu a salvarei !...

CAPELLÃO.— E' inutil ! Seu pai fallou-lhe, fez-lhe a proposta e elle aceitou-a ...

LEONOR (*em dilirio*) .— Aceitou-a !... Imfame !... Não ! Não ha de realizar seus infernaes intentos !.·. Eu lh'o asseguro !... (*senta-se incommodada*)

CAPELLÃO (*procurando serenal-a*).— Confie em Deus minha Sra. Elle não ha de permittir que o mal triumphe !... Tenha fé na sua justiça (*sae*)

SCENA XVIII

LEONOR, Dr. MAGALHÃES

Dr. MAGALHÃES (*entrando*).— Minha Senhora...

LEONOR (*levantando-se*).— Para que vém ainda aqui, Sr. !...

Dr· MAGALHÃES,— Para cumprir um dever.

LEONOR.— O seu dever parece-me ser o contrario. Não devia cruzar mais as portas d'esta casa !...

Dr. MAGALHÃES.— Porque ?

LEONOR.— Porque tem abusado da confiança e da delicadesa que lhe temos dispensado !... Ainda mais da confiança de meu pai !...

Dr. Magalhães.— Minha Senhora !...

Leonor (*não attendendo*).— Nunca pensei que podessem existir homens assim ! (*assentando-se*)

Dr. Magalhães.— Eu não vim aqui para supportar... os seus resentimentos... E' outro o fim que aqui me trouxe !...

Leonor.— Não viésse !... Sei o fim a que veio !... E' nobre, é justo, é louvavel o seu procedimento... Não contente de me haver perseguido longo tempo veio, ainda vêr, se salvava a ultima parada. (*levantando-se*) Errou a partida!... Não logrará o seu intento. Veio fazer d'esta casa, um estendal. Deve estar satisfeito!... Mas eu é que ainda não estou louca como parece que estão os que prestam ouvidos ás suas perversas insinuações... Disse-lhe ainda agora! O seu dever era, não entrar mais aqui!... Digo-lhe mais ... Se continuar a entrar eu serei a primeira a prestar-lhe menos attenção do que a que presto aos meus criados.

Dr. Magalhães (*com ar synico*).— V. Ex. não deve estar boa da cabeça!

Leonor.— Nunca estive tão convencida como estou agora que tenho diante de mim um homem insolente.

Dr. Magalhães (*idem*). — Mas repare V Ex : a descortesia é de consequencias menos graves do que a loucura. V. Ex. está louca Ah!... Ah!... Ah!...

Leonor (*indignada*).— Louca!... Louca!... Oh! senhor!... Faça favor de sahir. Peço-lhe que saia. O desespero! O nôjo! Obrigar-me-hiam... (*dirigindo-se á mesa onde está a campainha*) Se não sae.. Eu chamo incontinente quem ha de cumprir as minhas ordens!...

Dr. Magalhães (*com riso sardonico*).—Não vale a pena. Para que ha de incommodar-se?... Ah! ah! ah! Lamento o seu estado. Hei de vel-a em Rilhafolles. Ah! ah! ah! Está doida! (*sahindo*) Pobre senhora! Ah! ah! ah!...

SCENA XIX

Leonor (*só*) (*apontando para á porta*).— Os homens de bem!... Podridão e infamia!... (*caindo n'uma cadeira*) Como hei de eu viver neste mundo!... (*O Conde vem entrando*)

SCENA XX

A Mesma, Conde

Leonor (*levantando-se*).— Meu pae! desejo que me dê uma explicação...

CONDE.— Explicação!... De que?

LEONOR (*mais quebrada*).— São apenas uns esclarecimentos... (*O Conde assenta-se*) E' certo que V. Ex. propôz o casamento de minha irman ao Sr. dr. Magalhães?...

CONDE (*friamente*).— E' certo.

LEONOR.— Elle aceitou?

CONDE.— Aceitou.

LEONOR.— V. Ex. parece-lhe que fez bem?

CONDE.— Assim o entendi! Ha de cumprir-se!

LEONOR.— Digo-lhe que não ha de!

CONDE (*levantando-se*).— Porque?

LEONOR.— Porque minha irman não ama esse sujeito.

CONDE.— Foi ella que assim o determinou. E' que naturalmente, está d'outro accordo... do contrario não teria me fallado para que fosse eu o interpetre da sua vontade. E' claro.

LEONOR.—Pois não vê que a abnegação arrastou-a a tamanho sacrificio e que ha de ser, inevitavelmente, a causa da sua desgraça!... (*chorando*) Oh! Se V. Ex. ama suas filhas suspenda, meu pai! Suspenda este golpe que a vai matar!... Que lhe vai rasgar o coração!... Desvie-lhe este calix de desventura!... Não o permitta! Meu pai! Por piedade!...

CONDE (*commovido*) (*á parte*).— N'esta casa andam todos doidos! (*alto*) Sinto dizer-te, minha filha... Que não posso annuir ao teu pedido. Dei a minha palavra! Estou compromettido. Fui o proprio que lhe fallei. Tu d'alguma fórma assim o determinaste, porquanto, se tens annuido ao seu pedido, tudo estava sanado, e na melhor ordem.

LEONOR.— Na maior desordem! E' o que devia antes dizer.

CONDE.— A minha resolução está tomada. Hoje deve fixar-se definitivamente o dia do seu casamento. Está decidido! Mais que decidido.

LEONOR (*com firmesa*).-- Repito a V. Ex. que não está!

CONDE (*estranhando-a*).— Leonor! vê se queres que eu saia fóra dos limites a que estou pouco costumado.

LEONOR.— Minha irman não póde ser esposa do homem que V. Ex. lhe propoz.

CONDE (*com força*).— E' de mais! Pensasteis que havia deixar-me levar pela vossa cabeça!... Hei de mostrár-vos que sou o unico, n'esta casa, aquém deveis obedecer. (*saindo*) Apre!... Forte teima!...

LEONOR.— Meu Deus!... que desgraça!... *(sae pelo lado opposto)*.

SCENA XXI

ARNALDO, JOÃO (*ao fundo*)

JOÃO (*para Arnaldo, da porta*) Entre!.. Faça favor. O Sr. Capellão não deve tardar. Eu sei que elle é amigo de V. Sa.

ARNALDO (*entrando*) N'esse caso espero. (*O criado sae*)

SCENA XXII

ARNALDO, DR. MAGALHÃES

DR. MAGALHÃES (*entrando*) (*á parte*) Este sujeito por aqui! (*alto*) Passe bem.

ARNALDO (*saudando-o*).— Sr. douctor.

DR. MAGALHÃES.— Até que emfim nos encontramos!

ARNALDO (*com indifferença*).— Não sei que haja no facto que possa causar-lhe tamanha estranhesa.

DR. MAGALHÃES.— O Sr. admira-se só do que é extraordinario... dos *phenomenos* naturalmente.

ARNALDO.— Admiro-me só do que devo admirar-me.

DR. MAGALHÃES.— Assim fazem os genios (*com ironia*) o Sr. é... um genio!...

ARNALDO.— Engana-se! Não sou o que o Sr. me julga.

DR. MAGALHÃES (*sarcastico*).— Responda accomodado ao auditorio!...

ARNALDO.— Não tenho que lhe responder.

DR. MAGALHÃES.— Aprecio os talentos... Lucra-se sempre ouvindo a sabedoria —*sapientia humilitati caput est.*

ARNALDO.— Faltou-lhe o verbo da oração! Se entendeu porem que devo servir de alvo aos seus estultos epigrammas... Não lhe digo mais nem uma palavra!...

DR. MAGALHÃES.— Ha de dizer.

ARNALDO.— O Sr. não está bom da cabeça.

DR. MAGALHÃES.— Perdi o juizo para lh'o ir desentranhar á phenomenal cachimonia! O Sr é um pedaço d'asno!

ARNALDO.— O Sr. é... notabilidade.

DR. MAGALHÃES *(orgulho)*.— Conhece-me?

ARNALDO *(ironía)*.— Conheço-o.

DR. MAGALHÃES (*com auctoridade*).— Que veio fazer aqui?

ARNALDO.— Não é ao Sr. que tenho de o dizer.
Dr. MAGALHÃES.— Obrigal-o-hei.
ARNALDO.— Julga que está inquirindo testemunhas (*sentando-se*) Não delire... faça favor.
DR. MAGALHÃES.— Penso que estou interpellando apenas um biltre, couza nenhuma.
ARNALDO. — E eu prestando attenção ao homem mais petulante e mais insolente que tenho visto!
DR. MAGALHÃES.— Sabe a quem acaba de dirigir o insulto?
ARNALDO (*com serenidade*).— Sei-o! Estou farto de sabel-o.
DR. MAGALHÃES.— Estamos n'uma casa que devo respeitar, agora mesmo lhe podia dar uma licção... de mestre. Na primeira occasião fallaremos.
ARNALDO.— Quando quizer.
DR. MAGALHÃES (*ardendo em raiva*).— O Sr. não ignora que tenho de pertencer a esta casa! Que me foi offerecida uma das filhas do Conde!... Ordeno-lhe pois que se ponha fóra d'aquella porta! Saia!... Ou mando enchotal-o pelos criados.
ARNALDO (*rindo-se*).— Declaro-lhe que não saio!...
DR. MAGALHÃES(*com força e rancôr*).— Ha de sahir!...

SCENA XXIII

OS MESMOS, JULIA

JULIA (*entrando*).— Que é isto, meus sinhores?
DR. MAGALHÃES (*á parte, humilhado*).—Estou apanhado!...
ARALDO (*inclinando-se*).—Minha senhora! Desculpe. Não fui culpado de tão insolito proceder.
JULIA.— Bem sei. Não lhe peço explicações. Conheço de ha muito este Sr. Doutor. Elle gosta d'estas scenas... E' um bello comediante!... Ah! Ah! Ah!...
Dr. MAGALHÃES (*á parte, saindo*).— Oh! Hei de vingar-me!

SCENA XXIV

ARNALDO, JULIA

JULIA (*sentando-se*).— Ah!... (*indo ter com Arnaldo depois*) Em que pensa?
ARNALDO (*como despertando*).—No resultado d'este drama.
JULIA.— Talvez não seja tão triste como lhe parece... (*sor-*

rindo-se) E d'ahi... Quem sabe!... já vi as cousas em melhor pé do que me parecem agora.

ARNALDO.— Então que ha?

JULIA.— Pois não sabe?... Vou casar-me.

ARNALDO (*surprendido*).— V. Exa. vai casar-se?...

JULIA (*com frieza*).—Com aquelle Dr. que ainda agora d'aqui saiu! Formalidade... pura formalidade.

ARNALDO.— Não comprehendo!...

JULIA.— Acceitou a minha proposta... é bom de contentar...

ARNALDO (*amargamente*).— Ahi está no que deu o seu amor!... V. Ex. é bem cruel!... Não contente de ter-me trazido, até agora, correntado ao seu triumpho, ainda tem coragem de cravar-me a farpa do escarneo, n'este coração, qne trazia guardada a sua imagem, e, que de continuo se mirava n'ella, e, pela qual via o mundo cheio d'enlevos, subitamente demudado no mais horrivel dos soffrimentos!... Oh! As mulheres!... As mulheres!... Como são voluveis!...

JULIA.— Socegue. Ouça-me primeiro... Eu não sou voluvel... Creia que não sou...

ARNALDO.— Não creio!... Fui poeta uma vez!... Sonhei que a mulher não era um ser fementido, puramente ideal, como querem que ella seja!... Que era a flôr mais odorifera do jardim da vida, o refrigerio das dores que nos torturam... Enganei-me!... Vejo que me enganei!... A mulher é o que se diz! é uma Sphinge... e, como tal, não deve fazer parte d'uma sociedade culta, humanitaria!...

JULIA.— Oh! Que mentira!... Essas palavras são punhaes que me atravessam o coração!... E' o despeito que o faz fallar. Que diria se fosse certo!... Não mereço ricriminações.

ARNALDO (*serenando-se*).— Mas, porque me deixa? Para que foi dar o seu amor a outro? Para que quer unir-se a elle? Que foi que a arrastou a tão cruel ingratidão? Diga. Responda. Explique-se, minha senhora.

SCENA XXV

OS MESMOS, CONDE, JULIA

JULIA (*vendo o pae entrar*).— Ah!... (*cae n'uma cadeira*)

CONDE (*para Arnaldo*).— Basta d'espectaculo, senhor! Minha filha nada tem que lhe dizer.

Julia (*levantando-se*) Tenho sim Sr. Tenho muito que lhe dizer... Não ha de sair!... (*voltando-sa para o pai*) Meu pai... Este Sr. tem soffrido, aqui, n'esta casa, por vergonha, as mais duras, as mais crueis humilhações... Elle não pode nem deve sair agora... Permitte-me este favor, meu pae?

Conde (*á parte*).— Coração! Não me estales! (*alto*) Sr. Arnaldo de Souza! Minha filha faz as honras da casa. Póde ficar se lhe aprouver.

Arnaldo.— Agradecido, Sr. Conde! O meu dever é sair. E, para sempre! (*para ella*) Perdoe-me. Adeus... até um dia... que nos encontremos, se não for n'esta casa... sel-o-ha na Egreja. Levo a consolação de que amei-a... o mais que é possivel amar-se. Adeus...

Julia (*agarrando-o*).— Não saia! Já lhe disse. Fique ao pé de mim. Veja lá se quer botar tudo a perder.

Arnaldo (*procura vencer a irresolução que d'elle se apodera, mas olha para o Conde e desprende-se d'ella apezar seu*).— Não! Não posso com tamanha humilhação. (*sae*)

Julia (*deixando-se cair n'uma cadeira*).— Que fatalidade! meu Deus!

SCENA XXVI

Julia, Conde

Cone (*que tem estado mudo, petrificado, volta-se para a filha*).— Julinha!

Julia(*como accordando de um somno horrivel, e fitando os olhos no pai como se estivesse louca*) Ah!...

Conde.— Tenho a dar-te uma resposta.

Julia.— Uma resposta? Ah! Sim. Vem dizer-me que estou doida! Não é preciso que m'o diga. Bem sei que estou... Ah! ah! ah! (*gargalhada, convulsa, de desespero*) Estou doida! Ah! Ah! Ah! Estou doida!

Conde (*assustado*).— Não estás doida, minha filha. Quero participar-te que o teu casamento está fixado para o primeiro do mez que vem.

Julia.— Ah! O meu casamento está fixado? Ah! ah! ah! E' o que lhe digo. Estou doida!... ah! ah! ah!

Conde.— O teu casamento com o Dr. Ribeiro de Magalhães.

Julia (*transição*).— O meu casamento com o Dr. Magalhães? Ah! Ah! Ah!... (*gargalhada, estridente e prolongada*)

Conde (*á parte*) E', com certeza, o primeiro grau de loucura. (*sae, desconfiado*).

SCENA XXVII

JULIA, LEONOR

LEONOR (*entrando*).— Que terá succedido?...

JULIA (*encontrando-se*).— Não sabes, Leonor?... Vou casar-me com o Dr. Magalhães. Ah! Ah! Ah! (*sae na gargalhada*).

SCENA XXVIII

LEONOR, CAPELLÃO

LEONOR (*vendo o Capellão*).— Sr. Padre José. Não sei que tem a Julinha. Sahiu agora d'aqui, rindo-se desesperadamente.

CAPELLÃO.— E' melhor rir que chorar.

LEONOR.— Mas é que aquelle riso, é motivado pelo desespero, pela paixão. Quem sabe se não está boa da cabeça?

CAPELLÃO.— Não é nada, minha Senhora. Tranquillise-se. Não ha nada d'extraordinario. Sua irman está em seu juizo.

LEONOR.— Mas, o que foi então que se passou? Faça favor de me dizer.

CAPELLÃO.— Foi seu pae que lhe communicou o dia do casamento. Pois que havia de ser?

LEONOR.— E ella então sai d'aqui, assim, rindo-se a bandeiras despregadas? Não póde ser.

CAPELLÃO.— São genios. Se fosse V. Ex. ficaria talvez afflicta. Com ella da-se o contrario. Encarou a coiza, pela gargalhada. Em taes casos esta é que é a verdadeira «sciencia». O mais... historias.

LEONOR (*tranquilla*).— Decididamente, não acceitou. Eu logo vi. Era impossivel a realisação de similhante casamento.

CAPELLÃO.— Impossivel, não era. O barco esteve em perigo. Se V. Ex. me não pede, com lagrimas de amor para salvar sua irman d'este naufragio; se me não pede em nome de sua mãe para que não se effectuasse tal casamento, ella caía-lhe nas mãos, tão certo, como estarmos aqui. Sua irman nutre por V. Ex. o amor mais puro e mais ardente que póde abrigar-se em corações da mesma origem. Quiz salval-a. Valeu-se do ultimo recurso porque a não queria vêr unida ao homem qne V. Ex. não amava. V. Ex. pela

sua vez, não o permittiu... Abnegação sublime!... Quiz salval-a. E é V. Ex. quem a vai salvar agora, ao desatar-se os ultimos laços deste drama, qne antes não tivesse existido.

LEONOR.— Neste caso está tudo remediado?

CAPELLÃO.— Mais alguma demora. E tudo ficará remediado.

LEONOR.— Obrigada, Sr. padre José. Muito obrigada pelo bem que me fêz.

CAPELLÃO.— V. Ex. conheceu que o amor de sua irman era ardente, impetuoso, inexcedivel. O de V. Ex. tambem extremoso e ardente similhava-se mais ao limpido regato que corre mansamente ao longo da campina. Ao passo que o d'ella era a catadupa despenhando-se, em cachões, de cima d'uma rocha, alagando tudo que encontra na passagem. E, não obstante, pedir-me V. Ex. com os olhos marejados de lagrimas que evitasse este ingente, este penoso sacrificio... Creia que se apar d'isso, eu não meditasse friamente nas funestas consequencias que haviam de resultar de similhante enlace, não obstante o seu empenho, minha senhora, não teria dado um unico passo para evital-o, Porque a estima que tenho por sua irman, é a mesma que tenho por V. Ex. Não ha a menor differença.

LEONOR.— Estou d'isso convencida. O coração m'o diz e o coração não póde enganar-me. Eu amava aquelle rapaz. Sim. Porém. desde que a vi renunciar o seu amor para salvar-me— O amor d'irman venceu! A minha resolução está tomada. Este mundo não me satisfaz. Quero procurar outro, mais tranquillo, livre d'estes golpes que nos assaltam, que nos levam á sepultura. (*chorando*) Só Deus me poderá valer.

CAPELLÃO.— Não a aconselho que deixe o mundo! Minha senhora!.. Não desespere. Ainda póde ser feliz... Com o tempo tudo passa.

LEONOR.— E' impossivel!...

CAPELLÃO (*a parte*).— Como hei de eu valer a este coração! Deus! Dai-me um raio de luz! (*alto*) V. Ex póde seguir-me?... Vamos vêr sua irman... E' sua vontade?...

LEONO.— Podemos ir! Mas, previno-o... A minha resolução é inabalavel. (*sae, com o capellão*)

SCENA XXIX

CONDE, PROCURADOR

PROCURADOR *(entrando com o Conde)*.— E' o que digo a V. Ex... Isto passou-se, na «Administração» ainda não ha uma hora.

CONDE (*alterado*) Sr. Procurador! Vá indagar o que succedeu... Saiba tudo com certeza... (*indo a uma mesa, escreve*) E... mande já este telegramma ao seu destino! Não perca tempo. Preciso saber isto! Tenho urgente necessidade de o saber...

PROCURADOR.—Fique V. Ex descançado! Eu vou tratar de o saber... Hei de trazer-lhe tudo explicado. Fique descançado, Sr. Conde.(*sae, fallando só*)

SCENA XXX

CONDE (*só*)

Tudo perdido!... O Gabinete prestes a desabar! O Dr. Magalhães... Processado! Criminoso dos bens do Estado!... Um peculato!... Como é o mundo!... Uns subindo... Outros descendo... Esse Arnaldo de Souza que ainda hontem eu tratava nesta casa, com desprezo, de pósse da Gloria que é dada sobre a terra, aos homens, aos obreiros da civilisação... A reputação, que dentro dos seculos, hão de espargir—umas pobres brochuras... Luz immortal... Realeza do Genio! Fogo que animastes a cabeça de um pobre escriptor... Fostes a morte da minha raça... Matastes a Realeza heraldica dos meus passados... Enthronisaste o merito e fizestes descer, vergonhosamente, a nobreza adquirida —matando!... Fizeste-a descer do pedestal cimentado com o sangue de milhões de victimas, deshumanamente ceifadas nos campos das batalhas! (*Voltando á mesa escreve uma carta. Depois de sobrscriptal-a, toca a campainha.*) (*aparece o lacaio*) Esta carta á redacção da «Patria» á pessoa para quem vai endereçada. (*O lacaio sae*)

. . . .

E' preciso que eu cumpra aquellas palavras que a toda hora... Me estão soando aos ouvidos!— «Vela de dia... de noite... pelo futuro de tuas filhas »—Até dormindo! Me apparece esta visão implacavel! Como o anjo que véla pela alma do justo! (*cheio de commoção*) Marianna!... Hei de cum-

prir, religiosamente, as palavras que proferiste exhalando o ultimo suspiro. Oh! Hei de cumpril-as!... (*sae*)

SCENA XXXI

LEONOR, JULIA, CAPELLÃO

CAPELLÃO (*entrando com as duas irmans, uma de cada lado*).— Não deve tardar! VV. Exas. podem ficar por aqui, se quizerem... Vou dar a ultima palavra ao Sr. Conde. Em menos d'uma hora deve ficar tudo acabado! (*sae*)

SCENA XXXII

JULIA, LEONOR

LEONOR.— Julinha! Fujamos d'aqui. Tenho medo do resultado deste drama.

JULIA (*beijando-a*).— Como quizeres, minha Leonor. (*saem*)

SCENA XXXIII

ANALDO (*só, entrando*)

Que diabo é que elle quer!... (*olhando o sobrscripto de uma carta*) Não me enganei. E' realidade! Parece sonho. Presinto alguma coiza d'extraordinario.

SCENA XXXIV

O MESMO, CONDE, CAPELLÃO

CONDE (*entrando com o Capellão*).— Sr. Arnaldo de Souza (*apertando-lhe a mão*) Desculpe incommodal-o. Tinha urgente necessidade de lhe fallar.

ARNALDO (*inclinando-se*).— Para cumprir as ordens de V Ex. não ha incommodo... ha satisfação.

CONDE.—Obrigado... (*mudando de tom*) Mandei chamal-o porque preciso satisfazer um legado de que me encarregaram e só o senhor me poderá ajudar a cumpril-o.

ARNALDO.— Estou ás ordens de V. Ex.

CONDE (*proseguindo*).— Minha santa mulher recommendou-me, á hora da morte, exhalando o ultimo suspiro, que velásse de dia e de noute pela felicidade de suas filhas. Offereço-lhe pois, a mão de minha filha Julia (*com graça e fina intenção*) O Sr. gosta das estouvadinhas... Acceita o meu offerecimento?

ARNALDO.— Oh! Sr Conde!
CONDE'-–Acceita, não é assim?
ARNALDO.— Acceito o offerecimento de V. Ex. porque é a minha propria vida que me restitue. (*Neste interim o Capellão tem ido á porta*).

SCENA XXXV

OS MESMOS, JULIA, LEONOR

LEONOR (*já entrajada com os habitos das recolhidas capuchas*).
JULIA (*correndo para Arnaldo*).— Que felicidade!...
LEONOR.— Deus o permittiu!... Seja feita a sua vontade (*debruça-se sobre o peito do Capellão soluçando*)

SCENA XXXVI

OS MESMOS, PROCURADOR

PROCURADOR (*entrando, esbaforido*).— A resposta do telegramma!... O Dr. Magalhães lá ficou na «Relação»!...
TODOS.— Preso!...
CONDE (*lendo o telegramma*).— Cahiu o ministerio!... Sobe ao poder o partido «progressista».
ARNALDO.— Já sabia, Sr. Conde!... Quiz poupar-lhe a noticia.
CONDE.— Não me abala!... Pertencia á politica por méras considerações... Quem me influia, está perdido, desgraçado!... E' um ladrão!... O meu unico partido, minha unica preocupação será de cuidar no bem estar da minha casa, e na felicidade de minhas filhas.
ARNALDO.— E eu de viver para este anjo, que ha de ser a mais fagueira inspiração do meu trabalho. E, no conchego do lar, seremos os protogonistas d'um drama passado, e da felicidade que desponta nos horisontes da vida
P'ROCUADOR.— E eu vou procurar outra casa... de fidalgos onde não hajam condessinhas! desta força.

Quadro II

Começam a ouvir-se os sons d'um orgum. Leonor vae para junto d'um oratorio que apparece, subitamente, ao descerrar-se um rico reposteiro. A imagem de Jesus Christo convem ser banhada pela luz suave de um reflector.

CAPELLÃO (*abonçoando Leonor*).— Christo—Deus!... Insuflae-lhe a divina graça!... Santa resignação!... E's o conforto dos desfortunados da vida. (*vindo á boca da scena*) Sou representante da doutrina de Jesus Christo!... Cumpri o Evangelho! A sociedade pode accusar-me. Diga que sou reaccionario, *lazarista.* (1) Diga o que quizer...

ARNALDO (*abraçando-o*).— Nunca a Religião deixará de ser o forte sustentaculo contra a corrupção, contra o aviltamento social!... (*indicando o oratorio*) O balsamo consolador para os que pérdem esperanças ou illusões da terra. *(Os sons do orgum continuam até descer o pano).*

FIM DO QUARTO E ULTIMO ACTO

(1) Os *Lazaristas* de A. Ennes.

DUAS PALAVRAS

> **Sou uma parte d'essa legião de trabalhadores dedicados, profundamente honestos, que se sentem impellidos na obscuridade do seu estudo por esta ambição heroica:— tornar o mundo mais bello e a humanidade mais digna.**
>
> *As Farpas—1878.*

I

Hoje que é *moda* em qualquer composição dramatica apresentar o clero como modêlo da perversidade e da intriga cobertada pela hypocrisia, eu quiz provar o contrario, isto é, que o padre nem sempre é o que os modernos *liberaes* querem que elle seja... O prototypo da astucia e... da cabala!... O padre que eu faço figurar n'este drama, é, pelo contrario, o verdadeiro interpetre das doutrinas de Christo, o sacerdote do bem em prol do seu similhante, e, especialmente, dos que, por justos titulos, lhe são mais caros... Ora, é natural que este padre, vendo, por assim dizer, desabrochar, sendo Capellão dos nobres de Sta. Martha, essas duas borboletas « filhas do Conde » e,sendo o seu guia espiritual, o seu perceptor na educação que elle, suppõe-se, lhes ministrou, durante todo o tempo, que conviveu com elles,chegada a occasião de lhes ser util o fosse.. E' o que vêmos. Nem aqui ha margem para censuras pela intervenção d'elle em negocios privativos de familia attentas as circumstancias e o logar que occupava n'essa casa. Accusando, por consequencia, os dramaturgos que só vêm no padre actual um *aza negra* familiar, um ente abjecto, despresivel, sou unicamente instigado pelo amor da verdade, pela imparcialidade do meu módo de julgar as couzas, e, sobretudo por me parecer que a religião de Christo ainda contem em si bastante vitalidade para ficar sobranceira aos ataques d'esses que se disem « *democratas*, » mas que, em verdade, o não são, porque, nem sequer comprehendem que a verdadeira democracia nasceu da religião Christã... Dito isto, não me intimida a critica, nem a polemica, porque estou persuadido de ter por mim, o que é justo, e o que é verdadeiro

II

Este drama foi quasi que, para assim o dizer, completamente refundido, com relação ao primeiro que escrevi no Gabinete Portuguez de Leitura, de Pernambuco em 1877. E' este drama, tal como se acha,que deve ser representado no theatro, porque as difficuldades do escriptor dramatico sobem de ponto, quando se considera as cir cumstancias peculiares a que tem d'attender afim de não tornar fas

tidiosos taes e taes dialogos, monologos, e, taes scenas ao espectador..E' bem como diz um auctor a linguagem de telegramma;só a indispensavel,nada de rhetorica, de circumlucoções, estylo sobrio, laconico, e expressivo. *Multum in parvo.* E' o realismo da phrase, tal como o exemplificam um ou outro dos escriptores, nos quaes suprimindo-se uma palavra se transmuda todo sentido da oração, e, até do periodo... Tal deve ser a exacta comprehensão de fórma n'este genero de criações, segundo me parece.

III

Na primeira obra que dei ao publico, em 1878, isto é, nas minhas *paginas dos vinte annos*, uma declaração tinha logar que reservei e que faço agora.

Qualquer que seja o juizo ou a impressão do leitor ao ler os meus escriptos, ou ao ver representar os meus dramas um titulo me reservo que preso sobre todos e do qual, francamente me desvaneço: Vem a ser que considerado escriptor de 2a, 3a classe ou, ainda menos... a mim só devo este titulo. Não o adquiri nas archibancadas das academias ou das Universidades mas, á minha persistencia, á minha dedicação, ao meu trabalho isolado, ao meu estudo proprio, á minha predilecção,em summa.

Seja levado isto em conta ás imperfeições de que devam estar saturadas as minhas obras.

IV

Já o disse uma vez nc jornalismo: Quero ainda declaral-o aqui.

Quem preferiu ser pobre, que renunciou, por via d'essa especie de *fatalismo organico,* aos prazeres do mundo, aos gosos que a fortuna, que o dinheiro lhe podia dar, isto é, aos « prazeres da familia, se aos encantos da mulher, » á ostentação, ao luxo, à vaidade, á con sideração das *massas,* ao bem estar, em summa, para seguir louco de santo affecto, atravez dos ideães e das scintillações dos genios, os prismas iriados das lettras; que abraçou, por seu livre alvedrio, o soffrimento, o martyrio, o desconforto, com os olhos sempre fitos na *aridez do monte,* sentindo um dia, morrer-se de pezar acerbo por não poder fruir na terra o doce olhar de um anjo que se adora... Quem tudo perdeu—futuro, mocidade, a gloria, esperanças, a robustez phisica, a saude, pela vida trabalhada do pensamento, que como é sabido anniquila em certos organismos, nimiamente impressionaveis, a energia e a *audacia* precisa, indispensavel, para a concurrencia vital, pelo atrophiamento do coração, pela sobrexcitação nervosa, e, sobretudo! pelos choques bruscos, continuos com uma tendencia, com um ideal sempre illusorio, ficticio, como as miragens do deserto; digo, quem tudo sentio e tudo amou. . . .

Por ti,—O' mocidade sonhadora!
Que ao pobre poeta dcstes flores
Quc se viveu ..foi por Ti—E d'esperança
De na vida gozar os teus amôres...

Torno a repetir: Quem tudo isto sentiu, e tudo isto experimen tou, deve ter direito a que a critica illustrada enuncie uma opinião sincera e justa das suas obras . . . .

De resto o leitor sabe muito bem que especie de sentimento deve influenciar o animo do escriptor quando este lê n'um jornal a noticia do seu trabalho nas seguintes palavras, praxistas, sacramentaes:—*Recebemos e agradecemos*, ou *vamos lêr e depois manifestaremos o nosso juizo*—que nunca apparece!..

V

OMNIA VERBA...

> Il faut qu'un homme ait devant lui de grands hommes ou um grand but sans quoi il perd ses forces comme l'aimant perd les siennes lorsque, pendant long temps il n'a pas eté exposé em face du nord.

Publicadas que sejam as obras citadas, no fim d'esta «brochura» estará *ipso facto*, completa a minha missão d'escriptor publico isto ainda que se me deparem todos os meios precisos e faceis para caminhar adiante. pois que segundo os meus planos preconcebidos não será em dous, nem trez annos, precisamente, que poderei fazel-o. O jogo de variados conhecimentos, scientificos e litterarios com a devida e necessaria proficiencia expostos, não pode ser obra de momento, de um curto cyclo de tempo, nem o meu cabedal scientifico, poderia, aliás, realisal-o sem estudo previo e acurado.

Para obras de tal magnitude, preciso é ir-se fazendo certos apontamentos, de longo curso, coordenados, segundo o ponto de vista que se tem em mira, e systematisal-os pelos processos mais correntes, assentando a par e passo, *sans secousses et sans efforts*, o material amadurecido, e da melhor selecção, por meio de um estudo consecutivo, edificando com argamassa scientifica, rendilhados, peristillos, porticos, e columnatas da obra que se tenta elaborar.

Não é que deva estar tudo em embryão, mas, se é certo que os grandes trabalhos se executam, não pela força, mas pela perseverança,—*Sublata causa tollitur effectus.* O homem de lettras, bem como aquelle que professa a sciencia, é como o avarento enthesourando ouro, nunca saciado, e sempre pensando que jamais lhe chegará! Aquelle pois que não sentir esta especie de avareza poderá ser tudo—menos verdadeiro homem de sciencia, ou verdadeiro homem de lettras.

Poderia concluir aqui, mas, ainda não estou satisfeito.

Uu medico devia eu ser, dizia um notavel pensador do seculo XVIII; morrendo serei um escriptor!... Pois não ignoro que quem quizer viver da penna morrerá penando.

A este respeito diz outro escriptor dos nossos dias, C. Castello Branco:

Em espuma muito amarga, porque é a da onda das lagrimas, se desfazem as illusões dos que, depois de muitas desgraças positivas, entram a procural-as nas chimeras—a sonhar que com algumas resmas de papel e algumas horas da noite e do dia, curvados sobre uma banca, podem reconstruir o edificio desabado de uma subsistencia honesta. Miserrimo aquelle que na extremidade da penuria, sente ainda vasquejar-lhe no cerebro a luz do talento! Esse homem é a perfeição da infelicidade, porque as suas faculdades mentaes e inuteis o estorvam de ganhar o seu pão com os braços. E essa luz que tem no cerebro, emquanto não

se apaga, é uma braza que o vai queimando até o matar misericordiosamente.

Escusado seria declarar que a «luz do talento» a que se referio o illustre escriptor nenhuma affinidade ou correlação póde ter, aliás com a minha mesquinha individualidade Eu só tomo a paternidade d'essas resmas de papel e d'essas horas do dia e da noute que soffregamente e gostosamente desejo esperdiçar.

Ai do que Deus ás gerações envia
Dizendo: vai, padece, é teu fadario;
Como um astro brilhante o mundo o admira,
Mas não vê que esta chamma abrasadora
Que o cerca d'esplendor, tambem devora,
Seu peito solitario. (1)

Elle lucta porque crê: ahi tendes o resultado da sua lucta! ahi tendes a affirmação de sua crença. (2)

Porem, se não podem os fracos combater, sempre podem morrer, e, n'estes casos, uma morte nobre provoca uma rapida resurreição.(3)

Concluo: Quanto áquelles *cidadões activos* que nos denegam porque gostamos d'escrever e do estudo, determindos cargos, incompativeis (dizem elles) com a balda de escriptor, o nosso mais profundo e descommunal *respeito.*

A estes o melhor, e, mais eloquente testemunho pois que não satisfeitos de nos prejudicar materialmente,procuram —*benemeritos*— ferir-nos na alma e no coração.

Os profundos e negros amargores
Em que eu mergulho a vida enexperiente,
Não têm nem luz, nem sol, nem sons, nem flores...
Unicamente lagrimas e dores,
Vacuos, sombras e luto, unicamente!
Feliz de quem não soffre, nem os sente!
E' tão amargo o mel d'estes amores,
Que de libal-o fico descontente
E sinto que me inundam de repente
Os profundos e negros amargores. (4)

Para não ter d'entrar em novo *convenio* com os Srs editores (Oh!) ou com as Exms. typographias é que faço bem contra minha vontade—ponto.

Finis coronat opus. (5)

---

(1) Soares de Passos

(2) Silva Pinto

(3) Folha Nova 29 de Abril de 1883

(4) Filinto d'Almeida

(5) Correio do França, Paris 14 d'Abril.

« Ha dias, n'uma das salas do hotel Drouot, realisou-se a venda dos autographos de Alfredo de Musset.

A venda foi importante, e alguns manuscriptos attingiram a cifra de 3 e 4 mil francos. »

Eis a unica consolação que um escriptor pode ter... depois que morre!

Consola-te A de Musset— Consolemo-nos.

Ora pronobis!

DO MESMO AUTOR

Emigrado (O) *paginas dos vinte annos* — sob o pseudonymo *M. Avidio Leite.*

A PUBLICAR

A Sciencia; a Philosophia; a Religião; e a Arte.

Mulheres e Lettras (segundo o ponto de vista historico, philòsophico, critico, litterario, etc.

Opusculos (Collecção de folhetins uns ineditos, outros já publicados no jornalismo) — Um volume.

DRAMAS

Crime dum medico

Vingança de Clotilde

Martyrio de Mãe

ERRATAS ESSENCIAES

Que não devem passar sem reparo quer na leitura quer na declamação.

Pagina 3—scena IV—linha 15.
Soffer—leia-se— soffrer
Pagina 4 scena V linha 10.
Presisa—leia-se—precisa
Pagina 4 scena V linha 10
Destrair-se—leia-se—distrair-se
Pagina 4, scena V, linha 17
Isto, é,—leia-se—isto é,
Pagina 5, scena V, linha 21.
Melhorar—leia-se—minorar
Pagina 10, scena X, linha 10.
Fugir-mos—leia-se—fugirmos.
Pagina 12, scena XII, linha 11.
Viver-mos—leia-sevi—vermos
Pagina 12, scena XII, linha 36
Emforcados—leia-se--enforcados
Paginas 17 scena I, linha 6.
Neccessaria—leia-se—necessaria
Pagina 17, scena II, linha 14.
Procedente—lea-se—precedente
Pagina 19, scena IX, linha 16.
Adimirado—leia-se—admirado
Pagina 28, scena XXII, linha 16.
Ordemno-o—leia-se—ordeno-o.
Pagina 32, scena XXVII, linha 10.
Contavam—leia-se—contam.
Pagina 45, scena XXVII linha 13.
Obzequi—leia-se—obzequio.
Pagina 53, scena VII, linha 9.
Inpremsa—leia-se— imprensa.
Pagina 53 scena, VII, linha 20
E—leia-se—E'.
Pagina 65, linha 25, sinhorés—leia-se—senhores.
aparte em differentes paginas.
Leia-se (*á parte*)

Não citamos suppressões de lettras e virgulas que o leitor pode corrigir facilmente.